

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EMOÇÕES:

UMA DISCUSSÃO SOBRE MODOS DE CONCEBER E TEORIZAR.

Autora: LAVÍNIA LOPES SALOMÃO MAGIOLINO

Orientadora: ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA

2004

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar.

Autora: Lavínia Lopes Salomão Magiolino
Orientadora: Ana Luiza Bustamante Smolka

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Lavínia Lopes Salomão
Magiolino e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: _____

Assinatura:

Orientadora: _____

COMISSÃO JULGADORA:

2004

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNI CAMP**

M272p

Magiolino, Lavinia Lopes Salomão.

Emoções : uma discussão sobre modos de conceber e teorizar / Lavinia Lopes Salomão Magiolino. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Luiza Bustamante Smolka.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934 Perspectiva histórico-cultural. 2. Emoções. 3. Linguagem. 4. Consciência. 5. Significação. 6. Educação. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-143-BFE

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, como eu, assumindo-se professores e educadores, deparam-se em suas salas de aula, dia a dia, com o desconcerto, a frustração, o desamparo e a inquietação frente à complexidade do ser humano e de seu processo desenvolvimento e formação.

Agradecimentos...

Aos professores que em suas aulas compartilharam saberes e emoções: Áurea Guimarães e Leandro Konder.

Aos professores que aceitaram o convite para compor essa banca e compartilhar conosco suas idéias, apontamentos e saberes: Angel Pino, Ivone Martins de Oliveira, Bader Sawaia, Elizabeth Braga e Luci Banks Leite

A todos os educadores com quem convivi na Escola Dom Mathias:

Beth, Ângela, Andréia, Débora, Sílvia, Helenice (Lê), Sara, Maria Luiza, Tutinha, Flávia, Rosana (“1”), Rosana (“2”), Cleusa, “Dona” Cleusa, Lourdes, Sônia, Luciana, Vanilda, D. Cida, Chia, Regiane, Karina, Fabiana, Ana Cristina, Tine...

Aos pais das “minhas” crianças: em especial a amiga Cladir, mãe do meu querido Michael!

A todas as “minhas” crianças, em especial, a turma que tive de deixar em sala para dedicar-me a esse trabalho!

Aos colegas do GPPL:

Celma (literalmente!!) dos Anjos, Mônica, Fátima, Ana Lúcia, Adriana, Daniela, Sheila, Daniele... pelo acolhimento, aprendizado, inspiração!

À turma da APP- Quinta Feliz!:

àquele *palhaço* do Conrado, Liciane, Leny, Rogério Romix, Pompeu Poms, Sinara, Andréa, Sílvia, Karina, Carla... sobretudo, pelas falácias!

À turma da “aula/sarau” de quinta também feliz:

Clara, Edna, Giba, Roni, Jorge, Gislene, Sabrina, Iracema, Cida, Eliana, Elison, Márcia, Dione... e ao “caríssimo” Jorge (por toda a “música e poesia” do “Baka”, que compartilhamos!).

A toda minha família:

Em especial, aos meus pais, Angélica e Roberto (com quem fui aprendendo que “na vida não precisa força, precisa jeito”) e irmãos Eduardo e Roberto (que, além da cunhada Roberta, nos presenteou com o João Pedro e o Guilherme!) e à minha avó Matildes Rezende Lopes (primeira pesquisadora da família e grande incentivadora e admiradora desse trabalho de formiguinha que é educar!).

Aos amigos:

Thaïs e Marilena pelas deliciosas e infindas conversas cujas palavras não explicam... Família Bacic que me acolheu durante todo esses anos, especialmente à Maria Éster em suas incomparáveis observações (etílicas?) acerca do mundo, da população chinesa e do casamento!

Ao Fernando (querido e distante) pelo encontro com Espinosa e as considerações acerca da “Indigência Filosófica na Educação”

Patrícia, Renato, Tainá , Filipack, Inessa e João, Cabral, Márcio e Tati...- que continuaram sendo amigos, convidando para as festas, apesar de eu perder todos os aniversários por estar em Campinas...

Marcela, Ana Marta, Aline, Janaina pela amizade, cumplicidade e essencialmente pela “não-mulherzice”, Carol, Rayne, Flávia.

Igor, Eurípedes, Robert Keines e Júnior, Tiago - Tio, Mário, Thiago Bozo, o “cachorro” do Márcio e a Pê, Dr. Hélio e Silvania, Fernão e Josie ... pelas “baixarias”...

Enfim por tudo aquilo que faz a gente ver como a vida vale a pena!!!

Aos funcionários da FE e em especial à Gi, ao Humberto e ao pessoal do Multimeios!

A Capes pelo apoio financeiro de agosto de 2003 a setembro de 2004.

Aos motoristas da linha Rio-Campinas...

Ao Cristo, redentor dessa cidade maravilhosa, que me esperava de braços abertos na madrugada de toda semana!

À Marisa, Cássia, Teresa, Maysa e Elis...

E Clarice, Virgínia, Lígia e Simone...

Manoel, José, Leon e Marcel...

E Chico, Gil e Zé...

Especialmente...

À *professora* (e faz-se aqui minha mais sincera e profunda homenagem!)

Ana Luiza... que, dentre as infinidades de possibilidades, modos, dizeres, saberes e afetos, me fez perceber que... debruçar-se sobre o conhecimento de um (in)visível encarnado como as emoções humanas, aprofundar, mergulhar, perder e achar, é se enxergar, nas/pelas palavras dos outros! Palavras também são lentes, também são espelhos...

“Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não sei se ouvia barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

La o silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Estava carregando o bêbado.

Fotografei esse carregador”.

(Manoel de Barros)

Ao Rodrigo por sua infinita paciência
que, no “isolamento” deste trabalho, fez
(Com vitamina de abacate, queijo quente, coca-cola...
E, “cadeira-com-braço”, “*mouse*-com-bolinha”...)
De palavras, conversas, carinhos
Lágrimas, tristeza, solidão... (virarem) esperança, risos, alegrias!
Atropelos, confusão, insegurança... (virarem) aspiração e certeza!
Medos... (virarem) inspiração!
Momentos de pura poesia!

“Amor
é um gostar
que não diminui de
um aniversário pro outro.
Não. Amor é um exagero...
Também não. É um desadorno...
Uma batelada? Um enxame, um
dilúvio, um mundaréu, uma insanidade,
um destempero, um despropósito, um
descontrole, uma necessidade, um desapareço?
Talvez porque não tivesse sentido,
talvez porque não houvesse explicação,
esse negócio de amor
ela não sabia explicar,
a menina.”
(Adriana Falcão, *Mania de Explicação*)

Resumo

Neste trabalho procuramos colocar em discussão a elaboração teórica de três autores contemporâneos - um biólogo, um neurologista e um psicólogo (Humberto Maturana, Antonio Damasio e Fernando Gonzalez Rey, respectivamente) cujo trabalho tem contribuído, de diferentes perspectivas, para o presente debate acerca da complexa questão das emoções humanas e, inclusive repercutido no âmbito da educação. Procurando superar as tradicionais dicotomias – organismo e cultura, indivíduo e sociedade, razão e emoção – concentram seus esforços sobre o entendimento da emergência e estatuto do individual, consciência e conhecimento, sujeito. Os três discorrem sobre a relação entre emoção, linguagem, e o organismo individual, self ou sujeito em interação com um meio. Propomo-nos então a analisar neste trabalho seus conceitos e argumentos centrais, trazendo as noções de self/sujeito e emoção em discussão em cada proposta/posição teórica. Nós analisamos suas concepções básicas em diálogo com as idéias e princípios explicativos de Vigotski, Bakhtin e Wallon. Em nossa discussão, acerca dos modos de compreender e teorizar as emoções, dos conceitos e explicações, argumentamos acerca das contribuições do trabalho destes autores, fundamentado nos princípios do materialismo histórico e dialético, para ampliar o debate acerca das emoções humanas.

Abstract

We will be discussing the theoretical elaborations of three contemporary scientists a biologist, a neurologist, a psychologist (Humberto Maturana, Antonio Damasio and Fernando Gonzalez Rey) - whose work have been contributing, from different perspectives, to the present debates on the complex issue of human emotions. Authors whose ideas have been impacting the present debates and educational practices, as they criticize and try to overcome certain traditional dualities - organism and culture, individual and society, rationality and emotion - they concentrate their efforts on the search for the understanding of the emergence and status of the individual, conscious and knowing, subject. The three of them talk about and relate emotion, language, and the individual organism, self or subject. For the purposes of this paper, we will be examining their nuclear concepts and arguments, placing the notions of *self*/subject and emotion under scrutiny in each of the theoretical frameworks. We will be analyzing their basic assumptions in dialogue with Wallon, Vygotsky and Bahktin's ideas and explanatory principles. In our discussion of their assumptions and explanations we argue about the special contribution a Vygotskian and a Bakhtinian formulation can still bring to the debate.

“O que nos falta sejam explícitos, são modelos conceituais e, além deles, uma visão global graças à qual nossas idéias dos seres humanos como indivíduos e sociedades possam harmonizar-se melhor. Não sabemos, ao que parece, deixar claro para nós mesmos como é possível que cada pessoa isolada seja uma coisa única, diferente de todas as demais; um ser que, de certa maneira, sente, vivencia e faz o que não é feito por nenhuma outra pessoa; um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estrutura cambiável, com histórias não pretendidas ou promovidas por qualquer das pessoas que as constituem, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderia sobreviver quando criança nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como ser humano.”
(Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*)

Sumário

SUMÁRIO	1
DE PRIMEIRAS PALAVRAS: EMOÇÕES, EMOÇÕES, EMOÇÕES...	3
INTRODUÇÃO	7
O ESTATUTO DAS EMOÇÕES NO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO: VISÕES CONTEMPORÂNEAS	15
MATURANA E A BIOLOGIA DO CONHECER: O EMOCIONAR COMO CARACTERÍSTICA DAS RELAÇÕES	17
DAMÁSIO: AS EMOÇÕES E OS SENTIMENTOS COMO MARCADORES SOMÁTICOS	22
GONZÁLES REY: SUBJETIVIDADE E EMOCIONALIDADE	31
O ESTATUTO DAS EMOÇÕES NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: WALLON, VIGOTSKI E BAKHTIN	39
CONSCIÊNCIA, LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO	51
DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DA CONSCIÊNCIA: O SENSO DE SI - SELF E PROTO-SELF	51
MATURANA E AS COORDENAÇÕES CONSENSUAIS DE CONDUTA: O LINGUAJAR, O EMOCIONAR E O CONVERSAR	63
GONZÁLES REY E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: A ÊNFASE NO SENTIDO SUBJETIVO	72
WALLON, VIGOTSKI E BAKHTIN: A SIGNIFICAÇÃO EM QUESTÃO	75
DE ÚLTIMAS, PORÉM NÃO DERRADEIRAS PALAVRAS...	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
BIBLIOGRAFIA	94

De primeiras palavras: emoções, emoções, emoções...

As emoções complementam as palavras, costumamos pensar. Impulsionam, permeiam, qualificam, desorganizam ações. Enchem-nas de significados que simplesmente não podem ser ditos e que, no entanto, *precisamos* “dizer”, ou melhor, *expressar*. Rebuscam-nas. Abrilham, reforçam, exacerbam. Gestos valem mais, também costumamos ressaltar. Sentir não basta. É preciso dizer. Dizer não basta. É preciso expressar. Assim, derramamo-nos ao outro para, só então, retornarmos a nós. Em palavras de poetas porque palavras nossas só não bastam, “se não chegas a sair de si não chegas a saber quem és”¹!

Como “saímos de nós”? Quando somos tomados pelas paixões, pelas emoções. Então, parece que podemos perscrutar em cada ato, em cada forma de dizer uma, diversas, muitas emoções. Antes mesmo de nos darmos conta, emergem, subvertem, tumultuam, contagiam. É como se estivessem sempre contidas anteriormente e, de repente, simplesmente passassem a “governar” nossos atos. Afloram e adentram os mais diversos espaços de convivência social. Irrompem na sala de aula deixando pais e professores perplexos.

Em *Processo Civilizador*, Norbert Elias nos dá uma idéia de como hábitos que consideramos simples e naturais, são na verdade uma construção social. Tarefas, afazeres, atividades cotidianas, coisas como fazer amor, sentar-se à mesa para comer, dentre tantas outras, que nos parecem óbvias foram sendo lenta, cultural e historicamente constituídas. O autor nos apresenta aos nossos hábitos. E nos mostra que toda alteração na estrutura social corresponde ou provoca uma alteração na constituição psíquica dos homens.

Acerca do comportamento à mesa, por exemplo, discorrendo sobre sua trajetória o autor nos aponta toda a série de restrições que foram sendo construídas e consolidadas quanto ao uso dos talheres e, em especial às facas, afirmando que mesmo com toda inovação tecnológica na indústria de utensílios domésticos, tal comportamento, ou muito do que era tomado como aceitável no

¹ José Saramago, *O Conto da Ilha Desconhecida*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

séc. XVIII, permanece inalterado até os dias de hoje.

Se considerarmos tal questão e nos remetermos a outras formas de comportamento, emocional, por exemplo, tomando mesmo o controle das pulsões que o autor nos aponta ter surgido quando as pessoas passaram a moldar-se mais às outras deliberadamente em relação à Idade Média, indagamos: O que permanece inalterado? O que temos de “novo”? O que foi consolidado? O que é “natural”?

Nas palavras de Elias (1994):

“Não havia a barreira emocional, invisível, que se coloca entre dois corpos quando há simples menção de que algo que o outro tocou com as mãos, ou mesmo levou à boca, nos é apresentando causando imenso desconforto, porque as relações sociais e sua conduta que condicionavam sua própria estrutura emocional eram diferentes” (p.82).

Nas relações sociais, as formas de conduta e a estrutura psíquica, vão, no decorrer da história dos homens, mediante o processo civilizador se transformando, marcando, (re)constituindo esses homens em seu processo de desenvolvimento e constituição humana. Defendendo então uma articulação entre as relações sociais e a estrutura emocional, Elias afirma que os desejos são concretizações de relações humanas, de comportamentos, materializações da vida social e mental. Desta forma, a partir destas considerações, como as emoções podem ser compreendidas e analisadas?

Na sala de aula, os modos e as manifestações de afeto vão mudando, transformando-se frente às práticas disciplinares e às próprias condições de ensino. Nas condições atuais vão se tornando mais explícitos, mais visíveis. Os alunos, menos contidos. As emoções, os afetos, assumem então um lugar de destaque. Roubam a cena. Passamos a prestar atenção. E, a procurar explicar nossas ações e reações nos mais diversos espaços de convivência social a partir de tudo o que nos afeta. As emoções emergem, irrompem, invadem a sala de aula e se condensam em impulsos ou atos deliberados, agressivos, numa tentativa de extravasar uma raiva incontrolável, colocar para fora algo que está contido, armazenado em algum compartimento secreto do ser humano. Aceitamos tal

explicação sem maiores questionamentos.

Contudo se nos voltarmos ao aluno, um sujeito de sentimentos, emoções, pensamentos, ações, outras instigantes indagações emergem... Como sente, por que sente, o que afeta? Tem “consciência”, de seus afetos, do que sente? Como é visto, tratado, compreendido na/pela escola? Como é afetado pelos diferentes dizeres? Como a palavra do *outro* o afeta?

Essas e inúmeras outras indagações levaram-nos a problematizar a questão das emoções, numa tentativa de compreensão de um tema que tem consistido numa grande dificuldade frente à história das idéias e, constantemente desdobrado na separação entre corpo/mente, matéria/espírito, pautada na oposição entre razão e emoção², colocando-nos diante de uma indagação crucial: como conceber “isso” que a gente sente e nomeia “emoção”?

Indagamo-nos, sobretudo, acerca do lugar desses sentimentos e emoções que se desdobram em movimentos de nosso corpo afetado, que se desdobram em gestos, que nos aproximam, nos afastam, nos dirigem ao outro. Procuramos então compreender o papel que desempenham as emoções no processo de desenvolvimento humano, no funcionamento mental. Por outro lado, como se constituem/são constituídas as emoções e o próprio psiquismo?

Diversas são as formas de conceber o funcionamento mental, a consciência, as emoções. Diversos são os modos de conceituar e trabalhar com as mais variadas questões que impactam o ser humano em seu processo de desenvolvimento. Modos marcados por olhares, perspectivas, posições, problemas e indagações diferentes. Modos que se emaranham, se entrecem, definindo ações nos mais diversos setores da vida humana – particularmente, em um espaço social, historicamente instituído, em que se configuram determinadas formas de ensinar e aprender e modos bastante específicos de trabalhar o conhecimento: a escola.

Em sala de aula, diante de pessoas, sujeitos, crianças, homens em suas relações com o conhecimento, muitas das mais arcaicas questões irrompem, emergem, provocam, subvertem, desnorteiam, desconcertam. E, é então que,

² Tema esse que, como temos visto, em vários trabalhos vem ganhando destaque na Educação.

professores, deparamo-nos com uma profunda e inquietante indagação: quê fazer para ensinar? Indagação que se desdobra em inúmeras outras. Como fazer? Partir de onde? Fundamentada em quê ou em quem? As crianças precisam aprender... mas aprender o quê e, como? Finalmente, conhecer as teorias sobre sujeito, conhecimento, emoção, faz diferença quando nos deparamos com as crianças em sala de aula estando essas produzindo conhecimentos, sentindo e manifestando emoções?

Introdução

A questão da afetividade e da emoção tem sido abordada por autores em diferentes áreas do conhecimento (Biologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia). Muitos trabalhos enfatizam as alterações orgânicas que acompanham as emoções e as manifestações expressivas, sem considerar sua significação social. Outros trabalhos enfatizam o entendimento das manifestações emocionais a partir de elementos culturais. O conceito de emoção mostra-se como algo de difícil definição, sendo utilizado para se referir a todo o conjunto dos fenômenos afetivos, ou, num sentido mais limitado, como reação emocional. Na esfera educacional, por exemplo, tal conceito acaba sendo diluído no universo mais amplo dos fenômenos afetivos. Acaba-se por categorizar e classificar emoções em positivas e negativas e proclamar valores e sentimentos que devem ou não ser trabalhados, desenvolvidos – tais como as competências e habilidades previstas, inclusive, nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No âmbito da produção atual, reconhecemos a relevância do esforço de autores como Goleman (*Inteligência Emocional*) e Chalita (*Educação: A solução está no Afeto, Pedagogia do Amor*) em trabalhar a questão da emoção e da afetividade buscando aplicá-la diretamente na educação. Goleman, por exemplo, nos apresenta uma interessante, porém controversa, concepção de *Alfabetização Emocional* e Chalita uma proposta que, a nosso ver, acaba por ressaltar a importância do afeto diluindo-o numa pedagogia que não chega a se explicitar enquanto tal.

Assim, analisando trabalhos de autores contemporâneos que têm contribuído para os debates sobre essa problemática atualmente, e que têm, inclusive, repercutido no âmbito da educação, propomo-nos aqui a fazer um estudo teórico do conceito de emoção, buscando traçar os pressupostos que sustentam algumas das diferentes posições em discussão.

Num esforço de elaboração conceitual e adensamento teórico do tema, nos deteremos aqui na análise dos trabalhos de alguns autores que, representando emblematicamente importantes áreas do conhecimento como a Psicologia, a

Biologia e a Neurologia, nos permitem tais aspirações. Seleccionamos, portanto, três autores: Antônio Damásio³, Humberto Maturana⁴ e Fernando Gonzáles Rey⁵, cuja produção tem sido amplamente referida e divulgada, não só na esfera acadêmica, mas também na mídia.

Escolhemos discutir as propostas destes autores pois fomos percebendo em suas teorias que as emoções assumem um lugar central no processo de desenvolvimento humano. Buscando a superação de algumas dicotomias vigentes, as emoções são colocadas no plano das relações e interações entre organismo e mundo, partindo de uma visão sistêmica de *ser, organismo, sujeito, homem*. Há, sobretudo, uma tentativa de explicar o modo como as emoções humanas vão se diferenciando, numa passagem do biológico ao social ou cultural.

Estes são alguns dos principais autores que estão debatendo atualmente, sob rigor acadêmico, o tema em questão. Trata-se, assim, num primeiro momento, de um trabalho teórico, que se explicita num exercício e na busca de compreensão destes diferentes pontos de vista, através de análise detida e pontuada dos pressupostos, conceitos e argumentos apresentados pelos autores.

Em *O Erro de Descartes*, Damásio depara-se com o tema das emoções ao enfrentar a problemática do funcionamento mental, do ponto de vista da neurologia, questionando-se acerca do que possibilita à mente humana raciocinar com eficácia. De maneira não tão surpreendente, acaba chegando à questão da consciência ao indagar-se sobre as emoções, mais especificamente, acerca de como sabemos que sentimos uma emoção, de como temos consciência de que sentimos uma emoção. Ao defender uma neurobiologia da racionalidade que incorpora a mente e coloca as emoções no cerne desse processo, a questão da consciência se faz relevante. Damásio trabalha com os conceitos de homeostase, organismo, *self*, mente, cérebro, corpo, sentimentos, emoções primárias e secundárias ou sociais e história individual, para abordar tal problemática.

³ Neurocientista português radicado nos EUA, doutor pela Universidade de Lisboa, titular da Universidade de Iowa.

⁴ Biólogo chileno, doutor em Biologia (PhD) pela Universidade de Harvard, professor titular na Universidade do Chile.

⁵ Psicólogo social cubano, doutor pelo Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica de Moscou, professor titular da Universidade de Havana.

Afirmando a possibilidade de uma biologia do conhecimento, Maturana, de outro modo, também aponta considerações semelhantes. Depara-se com as emoções ao estudar o homem em suas ações de conhecer. Traz conceitos como *autopoiese*, organismo, relações sociais, emoções (amor), linguagem e ação.

Gonzáles Rey, partindo de uma perspectiva da psicologia que define como histórico-cultural, traz a questão social, procurando “resgatar o sujeito” destacando-o num processo de subjetividade. Traz os conceitos de sujeito, personalidade, vivências, motivos, necessidades, sentidos subjetivos, configuração subjetiva, subjetividade social e individual.

É, portanto, na problematização das relações entre organismo e meio que a emoção emerge como objeto de estudo. O organismo, o *self*, o sujeito só podem ser definidos a partir de suas interações (em maior ou menor grau), e, da interfuncionalidade ou entrelaçamento do emocional com o racional (também em maior ou menor grau em cada abordagem). Assim, deixando a ordem do distúrbio, da patologia e do erro, as emoções assumem um lugar de destaque nas concepções dos autores acerca do organismo em interação com o meio, sujeito em interações sociais, em suas ações e relações de conhecer, portanto.

Partindo de um estudo exaustivo dos conceitos destes três autores de diferentes campos da ciência, buscamos os modos de compreensão e interpretação desta problemática e, vimos que trazem inúmeras contribuições e argumentos para problematizar a emoção. Entendendo o que dizem, o modo como concebem e teorizam as emoções humanas, vamos percebendo que se torna fundamental fazê-los dialogar com outros autores de uma perspectiva que nós assumimos e que desenvolvem um modo de pensar a partir do materialismo histórico e dialético. Consideramos que esse modo de abordar o problema faz uma diferença, especialmente no plano pedagógico, na formação e desenvolvimento humano.

Temos desenvolvido nossos trabalhos de investigação – teóricos e empíricos – com base em uma perspectiva histórico-cultural em psicologia, sendo que as contribuições de Wallon⁶, Vigotski⁷, e Bakhtin⁸, têm constituído o núcleo de

⁶ Henry Wallon (1879 – 1962), filósofo, médico/psiquiatra francês.

nossa sustentação teórica. Tais autores, partilhando uma mesma conjuntura cultural, assumem o mesmo pressuposto teórico: materialismo histórico e dialético como alicerce de suas elaborações teóricas, nas mais diversas áreas da ciência (desde a psicologia, a medicina e a neurologia, até a crítica literária e a educação), apesar de algumas distinções nos focos de interesse e ênfases.

Wallon, filósofo, médico, dedicou-se à investigação psicológica e à educação, chegando ao lado de Langevin⁹, a encabeçar o “Plano de Reforma Pedagógica” na França após o movimento de Libertação do regime nazista. Estudando o psiquismo humano, volta-se para a criança numa tentativa de compreender a emergência dos processos psíquicos, destacando a sociogênese dos aspectos cognitivos ou intelectuais, enfatizando os aspectos afetivos. Partindo de estudos no âmbito da medicina, propõe uma teoria bastante contundente acerca das emoções relacionando-as à atividade reflexiva e aos aspectos motores.

Vigotski, professor, psicólogo, trabalhava em várias áreas do conhecimento, como a psicologia, a filosofia, a medicina, a arte e a literatura, sobretudo a educação. Formulou uma teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano, fundamentada na tese da constituição cultural do homem, nos princípios da significação, sendo a linguagem um dos principais núcleos de suas elaborações, opondo-se veementemente as teorias reflexológicas em pauta na época. Assumindo uma concepção materialista da História, profundamente inspirada pelas idéias e concepções marxistas, dedicou-se à superação das dicotomias que marcaram sua época, partindo das idéias de filósofos como Espinosa (nas quais, aliás, fundamenta grande parte de suas reflexões acerca das emoções humanas); procurava articular elementos teóricos e práticos das áreas da Psicologia e da Educação.

Bakhtin, no âmbito da crítica literária, dos estudos da linguagem, também se preocupa com a compreensão e o estudo do psiquismo humano, como um processo de natureza social, problematizando mais especificamente a emergência

⁷ Lev Semynovich Vygotsky (1896–1934), psicólogo russo, formado pela Universidade de Moscou.

⁸ Mikhail Mikailovich Bkahtin (1895 – 1975), pensador russo, diplomou-se em História e Filologia em São Petersburgo.

⁹ Físico francês, com quem Wallon manteve laços de colaboração profissional e pessoal.

do signo como aspeto constitutivo desse processo, aliada às discussões em relação à linguagem e à ideologia.

Estes são, portanto, autores que trabalharam com a questão das emoções, o conhecimento, o psiquismo e o desenvolvimento humano, a partir das condições reais de vida e existência, na/pela mediação simbólica. Autores que tinham uma preocupação com a educação e as questões pedagógicas e que foram além de pesquisadores e pensadores da condição humana, do desenvolvimento do ser humano, professores/educadores.

O diálogo com eles nos permite assim, redimensionar o problema, num aprofundamento da questão das emoções vinculada à linguagem, consciência e significação.

Isso porque, dentre outras coisas, o materialismo histórico e dialético pensado, postulado por Vigotski, Bakhtin e Wallon, torna plausível uma hipótese para a compreensão desta passagem do biológico ao cultural, de modo que: o que o organismo produz o afeta, o transforma e o redimensiona. A questão central dentro dessa perspectiva, na esfera da metodologia do materialismo histórico e dialético é que os fenômenos devem ser investigados, estudados como processos em movimento e transformação, pois todo fenômeno tem sua história, marcada por uma série de mudanças quantitativas e qualitativas. Parte-se das contribuições de Darwin e Marx, o que implica não só um modo de pensar a evolução, mas, também um modo de pensar a transformação histórico-cultural desse organismo, ser vivo que se torna homem, frente a uma certa condição orgânica que foi se tornando possível. No campo da ciência, a evolução orgânica não pode ser desconsiderada, porque é ela que possibilita o desenvolvimento humano. O problema está em como explicar a passagem ou a transformação do biológico ao cultural.

As tentativas de explicação dessa “passagem” têm sido fundamentadas ou fortemente marcadas na/pela transformação orgânica, genética, numa perspectiva evolucionista (Darwin, Watson, Lamarck, dentre outros). Muitos estudos têm discutido inclusive como as transformações que ocorrem no processo evolutivo afetam não só organismo de maneira geral, mas os genes, a estrutura genética. Uma discussão que ainda se coloca é a possibilidade de se pensar essa passagem

como viabilizando-se e produzindo-se nas relações e interações sociais, não restrita a esse orgânico, genético.

Na leitura de todos os seis autores vimos que o conceito de emoção aparece articulado à questão do organismo, do sujeito, da consciência, da linguagem, do sentido e da significação. Além disso, as emoções emergem na obra dos autores sendo compreendida no plano do funcionamento orgânico, mental, como no plano das relações sociais, das interações entre organismo e mundo, numa tentativa de superar diversas e arraigadas dicotomias, especialmente em relação à oposição entre razão e emoção, e à oposição entre interno e externo. Procuramos discutir, em relação ao modo de conceber e teorizar as emoções humanas, algumas questões que, conforme vimos percebendo, tornam-se cruciais: o lugar e as relações entre emoção, linguagem, consciência e significação.

Reconhecemos as contribuições de Maturana, Damásio e Gonzáles Rey, e, consideramos fundamental compreender o princípio explicativo que fundamenta a posição teórica de cada um deles. Procuramos então dialogar com esses autores de diferentes campos da ciência, a partir da perspectiva histórico-cultural trazendo as idéias e concepções de Wallon, Vigotski e Bakhtin. Acreditamos que no diálogo por nós estabelecido, agenciado, mediado, algumas respostas possam ser encontradas frente as nossas indagações acerca das emoções humanas.

A questão conceitual, o estudo e problematização do conceito de emoção, nos remete a uma discussão metodológica que vem sendo pensada, analisada e discutida por nós, no grupo de pesquisa e, mesmo em discussões relativas à pesquisa em ciências humanas, na psicologia do desenvolvimento e na área da educação, de maneira geral.

Löwy (2000) discutindo a questão da ideologia na ciência nos mostra que tanto o positivismo como o historicismo, cada um a seu modo, com todas as suas nuances – relativismo, conservadorismo, etc. – e posições assumidas por seus representantes, acabam por cair num ecletismo, na busca de uma solução que se resume em uma síntese, ou no relativismo. Segundo o autor, é o marxismo em sua vertente historicista – com Lukács, Korsch, Gramsci, Goldman – que se distingue

dela por atribuir uma importância central à historicidade dos fatos sociais e à “disposição em aplicar o materialismo histórico a si mesma”.

Levando em conta certa hierarquia entre os diferentes pontos de vista de classe e a existência de uma visão social de mundo epistemologicamente privilegiados, relativamente mais propícios ao conhecimento científico da realidade social, a cada época, Löwy (2000) nos apresenta a alegoria do “mirante”. Comparando o cientista social ao pintor de uma paisagem, problematiza a questão das visões de mundo na busca do conhecimento e da autonomia relativa da ciência afirmando que “mais um “mirante” ou “observatório” (isto é, um ponto de vista de classe) é elevado, mais ele permite ampliar o horizonte e perceber a paisagem em toda sua extensão”. No entanto, não é só o “mirante”, ou o “ponto de vista de classe” que define a observação e a reflexão acerca da realidade “a paisagem como painel não depende somente do observatório, mas também do próprio pintor, de sua *forma de olhar* e de sua *arte de pintar*” (p. 213).

Desta forma, a partir dessas considerações, assumindo o materialismo histórico e dialético, procuramos problematizar aqui alguns dos diferentes modos de teorizar e conceber as emoções, partindo da contribuição de autores contemporâneos em diálogo com autores que voltavam-se para tal problemática no início do século passado.

Autores como Damásio e Maturana que representam campos muito próximos da ciência como a biologia e a neurologia, passam a considerar a linguagem e a cultura como aspectos primordiais no processo de desenvolvimento humano. Quais são os modos como consideram linguagem, interação social, e suas implicações para o conceito de emoção propriamente dito? Qual a perspectiva desses autores? De onde “olham”, o que vêem ou consideram importante?

As emoções aparecem como algo que caracteriza, impulsiona ou (re)dimensiona as interações sociais, estando portanto no plano da ação, da experiência e da relação. É na relação entre organismo e meio que a emoção se produz, assumindo uma função, um lugar de relevo em suas elaborações. Que lugar é esse? Qual a função que desempenham as emoções no processo de

desenvolvimento humano? Como podem ser compreendidas e analisadas? Quais as diferenças, semelhanças e contribuições...? Por outro lado, o modo como são compreendidas e analisadas, bem como o princípio explicativo em que se fundamentam, faz alguma diferença?

Há um “modo de olhar” que constitui (o que chamamos de) emoção? Poderíamos investigar assim, como é/foi sendo construído os muitos modos de olhar/conceber a emoção: Pensando na herança grega, em Aristóteles... em Descartes, seu triunfante dualismo e mecanicismo (corpo X mente) de “As paixões da alma”... Espinosa, suas elaborações sobre afeto, ética, política, e a desconsideração de suas contribuições até tão recentemente... a ciência axiologicamente neutra, o positivismo... As emoções como perturbadoras, como distúrbio, patologia... O biologicismo do gene que mata... Freud e a Psicanálise, o controle das pulsões – emoção como instinto?

Embora tais elucubrações mereçam um estudo, um adensamento teórico (que possivelmente se desdobrará em outros trabalhos, posteriormente) não se trata disso nesse momento. Não se trata agora de desvendar, perscrutar, refletir e analisar como, através dos séculos chegamos a esse modo de teorizar e conceber as emoções (bem como, de manifestá-las) como nos encontramos na encruzilhada (de que nos fala Dobranszky¹⁰ acerca de Diderot): razão X sensibilidade. Contudo essa é uma questão que permeia e constitui as reflexões dos autores e as nossas próprias.

Convém por fim destacar, são autores que, partindo de uma concepção sistêmica das (inter)relações, dos seres vivos, organismos, indivíduos, trabalham a questão da emoção procurando romper com a dicotomia que se explicita na oposição: razão/emoção, afeto/intelecto, corpo/mente.

No entanto, como fazem isso? Como os autores se propõem a romper a dicotomia entre corpo e mente, matéria/espírito, que se explicita na oposição razão/emoção? Como teorizam e concebem as emoções? Qual é o lugar da emoção no psiquismo humano?

¹⁰ *No Tear de Palas: Imaginação e Gênio no Séc. XVIII – Uma introdução*, Campinas, SP: Papirus/ Ed. da Unicamp, 1992.

O estatuto das emoções no funcionamento psíquico: visões contemporâneas

Dentre as questões que insistentemente se (re)colocam, destacamos: é a emoção algo intrínseco ao organismo no sentido de que impulsiona, mobiliza as ações humanas? Mas, o que distingue e caracteriza o especificamente humano? São as emoções imanentes, naturais, portanto invariáveis, comuns a todas as espécies? Se considerarmos que sim, como se explicam as variedades de suas manifestações na diversidade de línguas e culturas, suas mudanças e transformações na história? Se considerarmos que não, sendo “criações artificiais”, “artefatos culturais” como são eles construídos, como são comunicados e interpretados?

Diferentes “modos de olhar” que se configuram em diferentes modos de conceber e teorizar. O modo como os autores, de diferentes campos da ciência, divergentes pontos de vista, encaram não só as emoções, mas e, sobretudo, o princípio explicativo que fundamenta sua concepção de homem, ser, consciência e emoção, é diferente e repercute de modos também diferentes no processo de ensino-aprendizagem. E, aqui as questões conceituais e metodológicas se encontram, justificando a necessidade de nos atermos a uma análise cuidadosa e pontuada.

A discussão acerca das emoções nos remete então a complexas, diversas e divergentes concepções acerca de homem, ser vivo, ser humano, meio, ambiente, sociedade. Há inúmeras perspectivas, visões acerca do tema, fundamentadas em diferentes princípios explicativos, diferentes modos de compreender esse *ser*, o próprio meio do qual faz parte, está inserido, emerge e suas relações e interações. E tudo isso vai constituindo o modo como as emoções vão sendo analisadas e compreendidas pelos autores. Desta forma, procuramos abordar as emoções humanas procurando situá-las em sua abrangência e complexidade, na obra dos referidos autores.

Ao tentarmos compreender os argumentos levantados pelos autores na superação das dicotomias vemos emergir como central a questão das relações do sujeito com o conhecimento.

Quem é esse ser que se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional em suas relações com o mundo, o outro, o conhecimento desse, mundo, desse outro, de si mesmo?

Por outro lado, como se constitui, se desenvolve o psiquismo humano, o funcionamento mental e as próprias emoções?

Maturana e a *biologia do conhecer*: o *emocionar* como característica das relações

As idéias e afirmações de Maturana acerca do ser humano e, de suas interações com o mundo em suas “ações de conhecer”, são bastante contundentes. O autor admite os seres humanos como sistemas operacionalmente fechados, desenvolvendo-se em um processo de “acoplamento estrutural com o meio”, mas estruturalmente determinados, auto-organizados e auto-produtores: autopoieticos¹¹.

Em sua *Ontologia da Realidade*, de acordo com Graciano e Magro (2002), o autor propõe que

“ser vivo e circunstância mudem juntos através de um contínuo acoplamento estrutural, em um processo por ele denominado *deriva natural*. Com essa expressão, ele indica que não há pré-determinismo nem no ser vivo, nem no todo do processo evolutivo. Determinismo, aqui, é algo que ocorre passo a passo no encontro do ser vivo com a sua circunstância. Conhecimento e evolução, portanto, se encontram na teoria de Maturana. Conhecer, assim como adaptar-se, é apresentar uma conduta adequada, uma conduta congruente com a circunstância na qual essa conduta se realiza, sendo ambos possibilitados e determinados pela estrutura do ser em questão” (p. 23).

Sob a mesma hipótese explicativa para o fenômeno da evolução e o fenômeno da cognição, o autor defende uma congruência interativa entre organismo e meio, ser vivo e circunstância que, se explicita na afirmação de que “no momento em que o organismo não está mais em congruência com sua circunstância, morre – acaba o conhecimento de sua circunstância” (Maturana, 1998: 36).

¹¹ Nas palavras do autor: “Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Isso quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, e não de algo externo” (*id. Ibid.*, p.27).

Tal perspectiva delimita uma descrição da organização circular dos seres vivos e o leva a afirmar que: “*viver é conhecer*” (p 35.) O autor argumenta que é na conservação da condição fechada (de circularidade, recursividade) do organismo, tendo também o sistema nervoso como um sistema fechado, que o conhecer surge como um “operar adequado à circunstância – de modo que essas duas condições – a organização e a adaptação à circunstância – se conservem” (*id. Ibid.*, p. 36) - idéia que é construída e desenvolvida pelo autor ao lado de Francisco Varela¹².

Traz o conceito de “*autopoiese*”¹³ para explicitar o processo em que organismo e meio interagem, mudam em congruência e interação, num sistema de conservação, circularidade e auto-organização que supera, segundo o autor, a separação entre eles. Propondo-se desse modo, a analisar e explicar os processos psicofisiológicos, a autoconsciência e a emoção, admite o externo, o espaço relacional e sua influência, partindo de um princípio biológico.

Defendendo que os sistemas vivos são “entidades autônomas” e, apesar de necessitarem de um “intercâmbio de material” com o meio para sua existência concreta, todos os fenômenos relacionados a eles dependem essencialmente da “forma pela qual sua autonomia é realizada”, sendo que essa autonomia é “o resultado de sua organização”¹⁴ como sistemas em contínua auto-produção” (Maturana, 2002:134).

A partir dos pressupostos explicitados para a compreensão e entendimento do ser vivo, vamos percebendo que os princípios de auto-organização e intercâmbio material, congruência ou interação, são conceitos centrais nas elaborações de Maturana. Nesse contexto, podemos indagar como se constitui a consciência e o funcionamento psíquico do ser humano para o autor. Em suas palavras:

¹² Em: De máquinas a seres vivos: Autopoiese – a organização do Vivo.

¹³ Considerando os pressupostos teóricos de auto-produção e recursividade, partindo de estudos acerca de organismos celulares e as trocas que ocorrem entre o núcleo da célula e o citoplasma, Maturana (2002) afirma que opta pelo termo *autopoiese* em oposição a *autopraxis* por entender que conforme a etimologia da palavra que vem do grego, refere-se ao ser que se produz continuamente, poeticamente e não em termos de conflito ou luta.

¹⁴ A organização do sistema autopoietico estabelece, de acordo com o biólogo, que: “na medida em que é definido como uma unidade por sua autopoiese, “a única restrição constitutiva que ele deve satisfazer é que todas as suas trajetórias de estado levem à autopoiese; caso contrário, ele se desintegra. Portanto, um sistema autopoietico, enquanto autopoietico, é um sistema dinâmico fechado no qual a todos os fenômenos são subordinados à sua autopoiese e todos os seus estados são estados na autopoiese” (Maturana, 1998: 134).

“O que conotamos quando falamos da psique e do psíquico tampouco ocorre no cérebro, mas se constitui como um modo de relação com a circunstância e/ou com o outro, que adquire uma complexidade espacial na recursividade do operar humano na linguagem”(Maturana, 1998: 28).

Percebemos um modo de compreender o ser humano, e os fenômenos ou processos que os constituem com uma ênfase nas (inter)relações que se estabelecem nas/pelas interações entre organismo e meio.

Assim compreendido o funcionamento psíquico, relacionado à linguagem, ao princípio de *autopoiese*, indagamos como a emoção é concebida pelo autor: “quando falamos de emoções, estamos fazendo referência aos domínios de ações nos quais um animal se move, às ações possíveis do outro que pode ser tanto um animal ou como uma pessoa. Desse modo, as emoções são concebidas pelo autor como os “diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam” (*id.*, *ibid.*, p.22).

Há uma idéia bastante relevante que convém ser destacada: a de que as emoções permeiam, influenciam e interferem nas relações humanas. A partir de então, Maturana opta na discussão que faz sobre sua teoria, por utilizar o termo *emocionar*, pois defende que este contempla o caráter dinâmico, de fluidez das emoções que são definidas por domínios de ações em que se movem – e são movidos? – os seres vivos. Tais considerações e constatações o levam a afirmar que diferentes emoções especificam diferentes domínios de ações, sendo que comunidades humanas que se fundam em emoções diferentes do amor, estarão constituídas em outros domínios de ações: “em coordenações de ações que não implicam a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e não serão comunidades sociais” (*id.*, *ibid.*, p. 26).

Desta forma, para o autor, o amor é a emoção fundadora do social, é o que possibilita o que ele classifica como o processo de hominização, porque coloca o

outro como “legítimo outro na convivência social” na medida em que possibilita a linguagem, a comunicação e as relações entre os seres vivos ¹⁵.

Essa instigante constatação de que é preciso que haja algo que impulse e assegure as relações sociais (o amor), desdobrando-se numa espécie de “vínculo” que permite aos seres vivos, aos seres humanos se comunicarem, tornando possível a convivência, nos impele a inúmeras reflexões. Podemos indagar acerca do modo como isso acontece, no plano das relações sociais, como esse algo (amor, para o autor) é manifestado e interpretado pelos seres vivos imersos nessas relações a fim de permitir que eles se comuniquem e se relacionem.

Há um “vínculo” porque na medida em que o ser vivo – constituído no entrelaçamento do emocional com o racional – apresenta, expressa, sente, está imerso em disposições corporais e domínios de ação (emoções) que admitem o outro como um parceiro legítimo na convivência a relação social pode ocorrer, através das “coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta” que constituem a linguagem.

Seu argumento central reside no fato de que se fundamenta na biologia, enfatiza:

“Estou falando com base na biologia. Estou falando com base na compreensão das condições que tornam possível uma história de interações recorrentes suficientemente íntima para que possa dar-se a *recursividade* nas coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem” (*id.*, *ibid.*, p. 25).

Dadas a estrutura e o sistema, os organismos se movem e vão se afetando mutuamente. No organismo humano a linguagem emerge como uma instância de maior complexidade. A linguagem aparece nas considerações do autor como “coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de

¹⁵ Em suas palavras: “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem desse outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência, ainda que, uma vez na linguagem, ela possa ser usada na agressão” (Maturana, 1998: 22-23).

conduta”, é o que possibilita que o amor como a emoção (“fenômeno biológico elementar, comum aos homens e animais”) que a mobiliza, impulsiona, seja interpretado, compreendido pelos seres vivos? Como se dá essa relação?

Maturana (1998) nos traz à discussão um interessante modo de abordar a questão das emoções em relação à linguagem e, mais especificamente, no que se refere ao embate racional x emocional. Para esse autor é no entrelaçamento de ambos os aspectos ou fatores que nos desenvolvemos como seres humanos. A velha e arraigada oposição entre razão e emoção, frente a qual estamos acostumados a pensar apenas nos impediria de perceber que há emoções que impulsionam todas as nossas ações e pensamentos.

O autor procura romper a dicotomia que se explicita na oposição: razão/emoção, afeto/intelecto, partindo de uma perspectiva do âmbito da biologia. O conceito de *autopoiese*, cujo princípio organizador é o ser vivo – em oposição à máquina, analogia que marca muitas das concepções científicas desde o século XVII – se coloca como fundamental.

A grande questão que Maturana se coloca está relacionada à compreensão e explicação das interações entre os seres vivos e o meio, cuja complexidade vai gradativamente variando, diferenciando-se em relação às diferentes espécies – reconhecendo a importância de colocar a discussão da psique, da linguagem e até das emoções, no campo da ação, da relação.

Salientando as interações entre organismo e meio, Maturana (1998), assume uma concepção fundamentalmente biológica das emoções humanas, defendendo que estas são disposições corporais próprias dos animais e dos seres humanos, de forma indistinta:

“No emocional, somos mamíferos. Os mamíferos são animais em que o emocionar é em boa parte, consensual, e nos quais o amor em particular desempenha um papel importante. Mas o amor, como a emoção que constitui o operar em aceitação mútua e funda o social como sistema de convivência, ocorre também com os chamados insetos sociais”(p. 25).

No entanto, indagamo-nos, se as diferenças entre o emocional, a emoção humana e a emoção animal decorrem exclusivamente desta complexidade de interações?

Damásio: as emoções e os sentimentos como marcadores somáticos

Damásio também coloca as emoções, apesar de descritas no âmbito do funcionamento cerebral, como estando relacionadas à constatação de que o organismo – constituído por uma parceria cérebro-corpo – desenvolve-se nas interações como meio que o cerca¹⁶. E, tal como Maturana questiona-se acerca do entrelaçamento entre o emocional e o racional no processo de desenvolvimento desse organismo.

O autor define o ser humano a partir de uma certeza: “somos organismos vivos complexos, com um corpo propriamente dito* (“corpo”, para abreviar) e com um sistema nervoso (“cérebro”, para abreviar)”¹⁷. O corpo, do modo como é representado no cérebro, constitui o quadro de referência indispensável para os processos neurais que experienciamos como sendo a mente, funcionando como “instrumento de aferição”¹⁸. Em sua perspectiva tanto nossos mais nobres sentimentos como o amor, o ódio e angústia, como a solução de um problema científico ou a criação de um novo artefato, são processos que tomam por base acontecimentos neurais ocorridos dentro do cérebro, desde que esse cérebro tenha estado e esteja em interação com o seu corpo. E, postula: “A alma respira

¹⁶ Os fatos apresentados em relação à sensação e à razão, juntamente com outros que dizem respeito à interligação entre o cérebro e o corpo propriamente dito, sustentam a idéia de que, para o autor, a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo: “que não só a mente tem de passar de um *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social” (Damásio, 1996: 282).

* *Body proper*, no original inglês. (N. T.)

¹⁷ Tal distinção se faz essencial: o corpo se refere ao organismo menos o tecido nervoso (os componentes central e periférico do sistema nervoso), que correspondem ao cérebro, embora num sentido convencional o cérebro faça também parte do corpo. Outra consideração importante é a de que os organismos vivos encontram-se em constante modificação, assumindo uma sucessão de “estados” definidos por padrões variados de atividades em curso em cada um de seus componentes, caracterizando-se por apresentar “estados do corpo” e “estados da mente”.

através do corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne” (Damásio, 1996: 17).

Segundo o autor, Descartes, procurando uma afirmação lógica para a filosofia acaba por separar corpo e mente, cometendo um erro crucial¹⁹. Sem entrarmos no mérito da discussão filosófica que implicaria tal questão, podemos considerar que ao explicitar tal “erro”, Damásio nos apresenta uma crítica bastante premente à separação entre corpo/mente, e, especialmente à concepção de “mente desencarnada”. Seu esforço está em como conceber essa mente “encarnada”, ou seja, em como explicá-la numa dimensão não só cerebral, mas corporal.

A partir do estudo dos fundamentos neurais da razão, tratando de pacientes que sofreram algum tipo de lesão neurológica, Damásio (1996) nos traz uma crítica bastante inovadora à perspectiva tradicional em neurobiologia sobre a natureza da racionalidade. Fornece importantes indícios de que razão e emoção trabalham juntas, lado a lado, sendo igualmente relevantes para o desenvolvimento do ser humano.

Questionando-se acerca da interligação dos processos racionais e não racionais alinhados respectivamente com as estruturas corticais e subcorticais no cérebro humano, a partir de uma ampla discussão acerca dos processos de regulação biológica, Damásio (1996) nos apresenta a problemática das emoções e dos sentimentos. Defendendo que as emoções e os sentimentos, constituindo aspectos centrais da regulação biológica, “estabelecem uma ponte entre os processos racionais, entre a estruturas corticais e subcorticais” (p.157).

Frente a essas considerações Damásio elabora a “hipótese do marcador somático” para referir-se ao modo como os estados do corpo, ao marcarem uma imagem no cérebro, influenciam o processo de tomada de decisões. Nessa

¹⁸ “O nosso próprio organismo, e não uma realidade externa absoluta, é utilizado como referência de base para as interpretações que fazemos do mundo que nos rodeia e para a construção do permanente sentido de subjetividade que é parte essencial de nossas experiências” (*id. Ibid.*, p. 17).

¹⁹ “a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. Especificamente: a separação das operações mais refinadas da mente, para um lado, e da estrutura e funcionamento do organismo biológico, para outro” (*id. Ibid.*, p. 280).

perspectiva, as emoções e os sentimentos são essenciais para a racionalidade, na medida em que funcionam como marcadores somáticos unindo os processos mentais aos de regulação biológica básica. É de suma importância o fato de que autor reconhece a relevância das emoções para a racionalidade encontrando seu substrato neural e sua função biológica (reguladora da sobrevivência e orientadora dos processos cognitivos à medida que estes estão relacionados com tal regulação biológica) e trata de explicá-la, descrevê-la em seu funcionamento neural, cerebral, cognitivo, não apenas corporal.

Ao indagar-se acerca da origem deste mecanismo, Damásio (1996) problematiza a questão da cultura e sua influência:

“Os marcadores somáticos são, portanto, adquiridos por meio da experiência, sob o controle de um sistema interno de preferências e sob a influência de um conjunto externo de circunstâncias que incluem não só entidades e fenômenos com os quais o organismo tem de interagir, mas também convenções sociais e regras éticas”(p. 211).

Isso nos permite pensar no modo como tais “marcadores somáticos” são afetados, pela história, a cultura, as relações e interações sociais mediadas por instrumentos simbólicos – o que demandaria mais estudo e aprofundamento.

Essas e muitas outras constatações o levam à problematização da consciência humana, fornecendo importantes indícios para a compreensão do funcionamento mental, da psique e das emoções. Traz o conceito de *self* e *proto-self* à discussão.

Ressaltando que a conotação da palavra psique está originalmente ligada à respiração e ao sangue, Damásio (2001) postula que esta emerge no fluxo e refluxo de estados internos do organismo, altamente reprimidos, controlados de modo inato pelo cérebro e dentro deste continuamente sinalizado, constituindo pano de fundo para a mente e, o alicerce para a entidade que denomina *self*. Essa “entidade”, constituída por “estados internos”, que ocorrem naturalmente e são causados por objetos e eventos internos ou externos transformam-se em “significantes não verbais”, automáticos, qualificadores bons ou maus das situações, em relação a uma série de valores que fazem parte do repertório de

cada organismo²⁰. Os estados corporais internos funcionam como sinais/marcadores que sinalizam à mente o que acontece ao organismo.

O autor conclui então que o organismo assim representado em termos de mecanismos neurais primordialmente, é um precursor biológico daquilo que finalmente se torna o alusivo sentido do *self*. Dessa maneira, as raízes mais profundas do *self*, incluindo mesmo *self* complexo (que compreende a identidade e a individualidade), encontram-se no conjunto de mecanismos cerebrais que de modo contínuo e *inconsciente* mantêm o estado corporal numa certa estabilidade homeostática, assegurando a sobrevivência. É, portanto, essa coleção de mecanismos neurais que compõem o princípio organizador do organismo.

A relação entre emoção e processo de regulação biológica que assegura a sobrevivência de um organismo, coloca à primeira uma função reguladora da sobrevivência e orientadora, articuladora dos processos cognitivos; pois fornecem – juntamente com os sentimentos – sinais do corpo, ao cérebro num processo de marcação somática. Buscando compreender a natureza desse processo, Damásio ressalta a hipótese de Willian James²¹ acerca das emoções, enfatizando que, apesar de esse autor ter postulado “a existência de um mecanismo básico em que determinados estímulos no meio ambiente excitam, por meio de um mecanismo inflexível e congênito, um padrão específico de reação do corpo”, pouco ou nada tem a dizer sobre as possíveis funções da emoção na cognição e no comportamento.

É, portanto, numa busca pela compreensão e explicação destas funções que o autor se detém, procurando formular um conceito de emoção. Apesar de concordar com James em muitos pontos, Damásio adverte que há muitas circunstâncias em nossas vidas em que, como seres sociais, as emoções só são desencadeadas após um processo de avaliação mental que não é automático, mas

²⁰ “estados internos – que ocorrem naturalmente ao longo de um espectro cujos extremos são a dor e o prazer e que são causados por objetos e eventos internos ou externos – tornam-se significantes não verbais, impremeditados, da boa ou má qualidade das situações, relativamente ao conjunto de valores inerentes do organismo” (*id, ibid*, p. 51).

²¹ “É me muito difícil, se não mesmo impossível, pensar que espécie de emoção de medo restaria se não se verificasse a sensação de aceleração do ritmo cardíaco, de respiração suspensa, de tremura dos lábios e de pernas enfraquecidas, de pele arrepiada e de aperto no estômago. Poderá alguém imaginar o estado de raiva e não ver o peito em ebulição, o rosto congestionado, as narinas dilatadas, os dentes cerrados e o impulso

voluntário. Em decorrência da natureza da experiência humana, um amplo espectro de estímulos e situações se associam aos estímulos inatamente selecionados para causar emoções. Assim sendo, as reações a esse amplo espectro de estímulos e situações podem ser filtradas por um processo de avaliação ponderada²².

Damásio (1996) aventa a existência de uma “modulação na maquinaria básica das emoções”, ressaltando a importância de se estudar as emoções numa perspectiva denominada pelo autor como “história individual”. Tal perspectiva assim se coloca porque pretende esclarecer as diferenças entre as emoções que experienciamos na infância e as emoções que experienciamos em adultos. Propõe então, uma diferenciação denominando as emoções “iniciais” de emoções primárias e as emoções “adultas” de emoções secundárias (p.160).

Admitindo as emoções como fundamentais para a racionalidade, discutindo-as em seu funcionamento neurológico, como processos cognitivos, Damásio procura uma explicação que vá além dos instintos e impulsos, como um processo diferenciado nos homens e animais? Vejamos.

Ao discutir e apresentar o conceito de emoções primárias o autor, se coloca uma interrogação que consideramos crucial por apontar importantes indícios acerca da forma como compreende tal conceito: “Até que ponto se encontram as reações emocionais “instaladas”* no momento do nascimento?”²³.

Damásio afirma que para que tal estado programado de reação emocional se instale, para provocar uma resposta do corpo, não é preciso reconhecer um urso, uma cobra ou uma águia como tal, nem mesmo saber exatamente o que

para a ação vigorosa, mas, ao contrário, músculos flácidos, respiração calma, e um rosto plácido?” (James apud Damásio, p.158).

²² Tal processo constitui um “filtro reflexivo e avaliador” que “introduz a possibilidade de variação na proporção e intensidade dos padrões emocionais preestabelecidos e produz, com efeito, uma modulação na maquinaria básica das emoções intuída por James” (Damásio, 1996: 159).

* *Wired*, no original, palavra que se refere aos fios elétricos com que se instalam circuitos num aparelho eletrônico. O termo é usado correntemente com referência à “instalação” de circuitos cerebrais e processos mentais. (N. T.)

²³ Ao que ele responde: “Eu diria que não é forçoso que os animais ou os seres humanos se encontrem inatamente instalados para ter medo de ursos ou de águias (embora alguns animais e seres humanos possam encontrar-se ativados para ter medo de aranhas e cobras). Uma hipótese que acredito não levantar nenhuma dificuldade é a de que estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectados individualmente ou em conjunto (tamanho, movimento, dor)”(Damásio, 1996: 160).

provoca a dor, basta que os córtices sensoriais iniciais sejam capazes de detectar e classificar a característica ou características-chave de uma determinada entidade (animal, objeto, etc.) e que estruturas como a amígdala²⁴ recebam sinais de sua presença.

As emoções primárias²⁵ (comuns aos homens e animais) compreendem as chamadas emoções universais (felicidade, tristeza, cólera, medo e nojo) e se restringem a repostas do corpo, basicamente, reações emocionais – o que se torna claro em inúmeras afirmações do autor²⁶. No entanto, esse processo continua, pelo menos nos seres humanos, ocorrendo posteriormente:

“a *sensação da emoção* em relação ao objeto que a desencadeou, a percepção da relação entre objeto e estado emocional do corpo” e então, a consciência (forma de comportar-se inata e de reagir perante a experiência, pensar antecipadamente e prever) intervém proporcionando uma “estratégia de proteção ampliada” (*id.*, *ibid.*, p. 161).

É a partir destas considerações que se desenvolve o conceito de emoções secundárias ou sociais. Para explicitar tal conceito Damásio (1996) nos apresenta um exemplo retirado da experiência de um adulto²⁷. Suas formulações se voltam para explicar o que sucede ao corpo (vísceras), a partir das deliberações do cérebro (não da “mente”) quando tem lugar essa emoção e, para o que significa realmente “experienciar uma emoção” descrevendo detalhadamente tal processo²⁸.

²⁴ Um dos componentes mais importantes do sistema límbico: “seus núcleos neuronais possuem uma representação dispositiva que desencadeia a ativação de um estado do corpo, característico da emoção de medo, e que altera o processamento cognitivo de modo a corresponder a esse estado de medo” (*id.*, *ibid.*, p. 161).

²⁵ “As emoções primárias (leia-se, inatas, pré-organizadas, jamesianas) dependem da rede de circuitos do sistema límbico, sendo a amígdala e o cíngulo as personagens principais” (Damásio, 1996: 163).

²⁶ Ao discutir o mecanismo das emoções primárias: “Por si só, a reação emocional pode atingir alguns objetivos úteis: por exemplo, esconder-se rapidamente de um predador ou demonstrar raiva em relação a um competidor” (Damásio, 1996: 162).

²⁷ “Imagine que você encontra um amigo que não vê há muito tempo ou tem conhecimento da morte inesperada de uma pessoa com quem trabalhou em estreita colaboração. Em qualquer desses casos reais – e talvez até agora, enquanto imaginar as cenas –, você sentirá uma emoção” (*id.*, *ibid.*, p. 163).

²⁸ “Depois da formação de imagens mentais sobre os aspectos principais dessas cenas (o encontro com o amigo há muito tempo ausente; a morte de um colega), verifica-se uma mudança no estado de seu corpo definida por várias modificações em diferentes regiões. Em qualquer dos casos, registram-se mudanças numa série de parâmetros relativos ao funcionamento das vísceras (coração, pulmões, intestinos, pele), musculatura esquelética (a que está ligada aos ossos) e glândulas endócrinas (como a pituitária e as supra-renais). O cérebro libera moduladores peptídeos para a corrente sanguínea. O sistema imunológico também se altera rapidamente. O ritmo de atividades dos músculos lisos nas paredes das artérias pode aumentar e originar a

Enfatiza assim, que depois da formação de imagens na mente de um modo geral, ocorre um conjunto de alterações que estabelece um padrão de desvios relacionados a uma série de estados corporais, moderados, médios, que correspondem ao equilíbrio funcional, que é dinâmico e contempla uma seqüência contínua de alterações desses padrões. Trata-se, pois, do processo de homeostase, de acordo com o qual a economia de energia de um organismo funciona provavelmente em melhor grau, procedendo a ajustes mais rápidos e adequados.

Em seguida, o autor afirma que “muitas partes do corpo são levadas a um novo estado em que são introduzidas mudanças significativas” no organismo – que caracterizam o mecanismo subjacente às emoções secundárias²⁹. Tal processo compreende uma avaliação cognitiva do conteúdo dos acontecimentos, considerações deliberadas e conscientes que encontram expressão como imagens mentais (verbais ou não) organizadas num processo de pensamento e representações dispositivas *adquiridas* e não *inatas*, embora as disposições adquiridas sejam obtidas sob influência das inatas³⁰ – sendo que “aquilo que as disposições adquiridas incorporam é a sua experiência única dessas relações ao longo da vida”, indicando-nos que a compreensão das emoções secundárias ou sociais deve ser colocada no âmbito de um organismo em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

contração e o estreitamento dos vãos sanguíneos (o resultado é a palidez); ou diminuir, caso em que os músculos lisos relaxam e os vasos sanguíneos se dilatam (o resultado é o rubor)” (*id, ibid*, p. 164-165).

²⁹ Assinala que o processo tem início no organismo a partir de uma avaliação cognitiva do conteúdo dos acontecimentos de que faz parte: as considerações deliberadas e conscientes (em relação a uma determinada pessoa ou situação), encontram expressão como imagens mentais (verbais ou não) organizadas num processo de pensamento e envolvem muitos aspectos da relação com essa pessoa, reflexões sobre a situação atual e as conseqüências para si e para os outros.

Depois, em um nível não consciente, redes no córtex pré-frontal apresentam uma resposta automática e involuntária aos sinais resultantes do processamento das imagens acima descritas. Essa resposta do organismo provém de “representações dispositivas *adquiridas* e não *inatas*”, embora as disposições adquiridas sejam obtidas sob influência das inatas – sendo que “aquilo que as disposições adquiridas incorporam é a sua experiência única dessas relações ao longo da vida”, indicando-nos que a compreensão das emoções secundárias ou sociais deve ser colocada no âmbito de um organismo em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Por fim, de uma forma não consciente, automática e involuntária, a resposta das disposições pré-frontais descrita anteriormente é assinalada para a amígdala e o cíngulo anterior. As disposições presentes nessas últimas regiões apresentam uma resposta massiva com múltiplos aspectos, destinando-se a todo organismo (*id., ibid.*, p.165-166).

³⁰ Tais considerações nos apontam que: as disposições pré-frontais adquiridas, necessárias para as emoções secundárias, são distintas das disposições inatas, aquelas necessárias para as emoções primárias, mas as primeiras precisam das últimas para se expressar.

E aqui finalmente delinea-se o conceito de emoção para o autor:

“a emoção é a combinação de um processo *avaliatório mental*, simples ou complexo, com *respostas dispositivas a esse processo*, em sua maioria *dirigidas ao corpo propriamente dito*, resultando num estado emocional do corpo, mas também *dirigidas ao próprio cérebro*³¹ (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais” (*id.*, *ibid.*, p.169)³².

Defendendo que nos seres humanos, enquanto seres sociais, há emoções que vão se tornando mais complexas³³, sendo por isso definidas como sociais, Damásio distancia-se do argumento de Maturana e, aproxima-se à primeira vista de autores como Wallon e Vigotski – que também elaboram acerca da complexidade humana em relação à consciência.

Damásio reconhece a importância do mecanismo modular das emoções humanas, ressaltando as *emoções secundárias* em seu substrato neural e sua função biológica (reguladora da sobrevivência e orientadora dos processos cognitivos à medida que estes estão relacionados com tal regulação biológica, como vimos), descrevendo-as em seu funcionamento neural, cerebral, cognitivo.

Em relação ao mistério em que constitui a consciência, assinala ainda uma distinção entre as *emoções primárias*, as *emoções secundárias* ou *sociais* e o que denomina *emoções de fundo* (relacionados aos estados corporais mais imediatos). E, além disso, ao contrário de muitos autores que se dedicam ao tema, Damásio concebe emoção e sentimento como categorias distintas, pois considera que apesar de alguns sentimentos estarem relacionados às emoções, sendo provenientes destas, muitos não estão. Partindo desse pressuposto, o autor classifica as variedades dos sentimentos: sentimentos de emoções universais básicas³⁴; sentimentos de emoções universais sutis³⁵; e sentimentos de fundo³⁶.

³¹ Grifos do autor.

³² Tal consideração nos remete de fato, a problemática levantada por Vigotski (2003), especialmente quando esse autor afirma que a teoria defendida por Cannon nos mostra que “o substrato material das emoções não é um mecanismo extracerebral, um mecanismo que se acha fora do cérebro humano” (p. 95).

³³ É interessante notar que os exemplos apresentados pelo autor são quase sempre relacionados às tragédias de Shakespeare, como também o faz Vigotski.

³⁴ A primeira variedade dos sentimentos é baseada nas emoções (as mais universais: felicidade, tristeza, cólera, medo e nojo) e corresponde a certos perfis ou padrões de resposta do estado do corpo (em grande medida, pré-organizados na acepção de James: quando o corpo se conforma aos perfis de uma daquelas emoções, *sentimo-nos* felizes, tristes, irados, receosos ou repugnados. Mas, quando os sentimentos estão

Frente a essas considerações acerca dos sentimentos e, em comparação com as emoções, Damásio apresenta a essência do sentimento³⁷ como o processo de acompanhamento contínuo das alterações que ocorrem no corpo, de sua evolução, enquanto diversos pensamentos desenrolam-se. Assim sendo, enquanto a emoção consiste num conjunto dessas alterações nos estados do corpo associadas a determinadas imagens mentais ativadas em um sistema cerebral específico, a essência do sentimento é a experiência dessas alterações em justaposição³⁸ com as imagens mentais que iniciam este ciclo ou processo. O processo de sentir um sentimento depende essencialmente da recepção de um conjunto amplo de sinais sobre o estado do corpo nas zonas cerebrais apropriadas e, como sugere o autor ao discutir as imagens mentais, de uma correlação entre a representação do corpo que está em curso e as representações neurais que constituem o *eu*^{**} (estado neurobiológico perpetuamente recriado – *self*)³⁹.

A grande questão que o autor se coloca e perpassa toda a sua obra, é como esse organismo complexo, conhece, pensa e sente e tem consciência desse processo. O princípio explicativo fundamenta-se numa teoria evolucionista, de

associados a emoções, a atenção converge substancialmente para sinais do corpo, e há partes dele que passam do segundo para o primeiro plano de nossa atenção (Damásio, 2000, p. 179).

³⁵ Outra variedade de sentimentos é a que se baseia nas emoções que são pequenas variantes das cinco anteriormente citadas (a euforia e o êxtase são variantes da felicidade; a melancolia e a ansiedade são variantes da tristeza; o pânico e a timidez são variantes do medo). Essa segunda variedade é, de acordo com o autor, “sintonizada pela experiência quando gradações mais sutis do estado cognitivo são conectadas a variações mais sutis de um estado emocional do corpo”. É, portanto, “a ligação entre um conteúdo cognitivo intrincado e uma variação num perfil pré-organizado do estado do corpo que nos permite sentir gradações de remorso, vergonha, vingança” postula o autor (*id.*, *ibid.*, p. 180).

³⁶ A terceira variedade compreende os *sentimentos de fundo* (background) que, suspeita o autor, terem precedido as outras variedades na evolução e são assim denominados porque “têm origem em estados corporais de “fundo” e não em estados emocionais, são em última análise “o sentimento da própria vida, a sensação de existir” (*id.*, *ibid.*, p. 180-181).

³⁷ “A medida que ocorrem alterações no seu corpo, você fica sabendo da sua existência e pode acompanhar continuamente sua evolução. Esse processo de acompanhamento contínuo, essa experiência do que o corpo está fazendo *enquanto* pensamentos sobre conteúdos específicos continuam a desenrolar-se, é a essência daquilo que chamo de um sentimento. Se uma emoção é um conjunto das alterações nos estados do corpo associadas a certas imagens mentais que ativaram um sistema cerebral específico, a *essência do sentir de uma emoção é a experiência dessas alterações em justaposição com as imagens mentais que iniciaram o ciclo*” (*id.*, *ibid.*, p. 175).

³⁸ O termo justaposição que, segundo o autor, poderia também ser entendido por *sobreposição*, é utilizado porque a imagem do corpo propriamente dito surge após uma outra imagem que se formou e se manteve ativa, e que essas duas imagens se mantêm separadas, em termos neurais, ocorrendo portanto uma combinação e não uma mistura.

^{**} *Self* em inglês. (N. Prep.).

³⁹ Tal como explicita: “Um sentimento em relação a um determinado objeto baseia-se na subjetividade da percepção do objeto, da percepção do estado corporal criado pelo objeto e da percepção das modificações de estilo e eficiência do pensamento que ocorrem durante esse processo” (*id.*, *ibid.*, p. 178).

maneira que esse organismo é constituído por complexos mecanismos planejados para a espécie.

Gonzáles Rey: subjetividade e *emocionalidade*

Assumindo uma perspectiva diferente da abordagem de Maturana (que está fundamentada nos princípios das ciências naturais, da biologia) em suas elaborações acerca do sujeito e de sua subjetividade, Gonzáles Rey admite sua contribuição. O conceito de Maturana e Varela acerca do organismo auto-organizado, autopoietico, é redimensionado – o que nos provoca a pensar acerca do próprio conceito de emoção. Não se trata mais de um organismo, ser vivo, em interação com um meio ambiente apenas, mas um sujeito em suas interações sociais, imerso e constituído nas/pelas relações em sociedade, marcadas pela história e pela cultura, por produções simbólicas.

Tratando de “resgatar o sujeito e a subjetividade” (p.X, Prefácio) e inseri-lo na centralidade das discussões teóricas em Psicologia, Gonzáles Rey nos propõe uma ampla discussão acerca da dimensão individual, subjetiva, que se configuraria numa nova ontogênese. As vivências do sujeito e as dimensões corporal e afetiva também assumem um lugar de destaque, em oposição à dimensão racional, cognitiva e objetiva do conhecimento.

O tema da subjetividade é abordado pelo autor numa compreensão do sujeito dentro de uma teoria que ressalta como histórico-cultural por contemplar os conceitos de História e Cultura na explicação e estudo do mesmo a partir da contribuição de Vigotski e Rubinstein, especialmente em relação às categorias de sentido⁴⁰ e personalidade⁴¹.

⁴⁰ A partir do conceito vigotskiano de sistema dinâmico de sentidos, Gonzáles Rey (2002) ressalta a categoria de sentido: “agregado de todos os fatores psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra”(p.129).

⁴¹ Na concepção histórico-cultural assim defendida, considera-se uma definição diferente da personalidade (nos aportes de Rubinstein), deixando esta de ser entendida como sistema intrapsíquico de unidades invariáveis, para ser entendida como “o sistema subjetivo auto-organizador da experiência histórica do sujeito concreto” (*id. Ibid*, p. 227).

Gonzáles Rey (2002) destaca então, a dimensão do sentido como fundamental para compreensão, explicação e definição do subjetivo. Mediante tais constatações como é compreendido o funcionamento psíquico, a psique humana?

A psique humana é compreendida como “sistema de sentidos subjetivos”. Apresenta-se assim, a categoria de sentido subjetivo, relacionada à representação das inúmeras experiências do sujeito em diferentes zonas de sentidos, vivências diversas, mediante sua inclusão em outros registros de sentido que já estão constituídos no nível subjetivo. Se para Maturana o caráter relacional da psique que emerge mediante complexas relações entre os homens é enfatizado, em Gonzáles Rey o que é relevado acaba sendo o processo de produção de sentidos e subjetividade.

O conceito de subjetividade é assim apresentado por Gonzáles Rey (2002) como um conceito que, sendo primordialmente teórico, constitui-se como um cenário para explicar outros conceitos. Precisa, portanto, ser desdobrado de acordo com o autor, no conceito de *subjetividade social*⁴² e *subjetividade individual*⁴³. Entendendo que tal proposição se faz extremamente relevante para a Psicologia que vem tratando a questão com base na polêmica dicotomia sociedade/indivíduo, social/individual.

Tais idéias nos levam a pensar num sujeito que não se reduz ao organismo em congruência ou interação com o meio, sugerindo que o homem não se apropria de significados, mas que gera, constantemente, emocionalidades, pensa e sente estes significados. Na perspectiva do autor, há uma produção emocional de significados. De maneira que, a subjetividade é compreendida e definida como

⁴² Trazer o conceito de subjetividade social é importante para o autor, na medida que explicita ou possibilita a compreensão de uma integração de elementos de *sentido subjetivo* produzidos nas diferentes zonas da vida social da pessoa e, ainda assim, se fazem presentes no processo de relação que caracterizam qualquer grupo ou agência social no momento atual de seu funcionamento. Desse modo, a *subjetivação social* “aparece constituída de forma diferenciada nas expressões de cada sujeito concreto, cuja subjetividade individual está atravessada de forma permanente pela subjetividade social” (Gonzáles Rey, 2002: 215).

⁴³ A *subjetividade individual* compreende e dá visibilidade aos processos de subjetivação que estão relacionados tanto à experiência social do sujeito concreto, quanto às formas de organização desta experiência por meio do curso da história do sujeito. De maneira que esse processo e essa organização constituem-se em dois momentos, numa constante relação dialética que marca o desenvolvimento da subjetividade. O indivíduo se constitui dentro da subjetividade social que, por sua vez, coloca-se como um momento de diferenciação no desenvolvimento da mesma. E, é importante ressaltar também que a *subjetividade individual* tem ainda, dois momentos essenciais: a personalidade e o sujeito. De acordo com o autor, momentos que integrando entre si no curso contraditório de seu desenvolvimento, se exprimem em uma relação na qual um supõe o outro, um é momento constituinte do outro e está constituído pelo outro, sem que isto implique diluir um no outro.

“um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social”⁴⁴(p. IX).

As emoções emergem a partir do pressuposto de que são um processo específico da subjetividade humana. A abordagem de Gonzáles Rey se distancia, à primeira vista, de Maturana e Damásio marcando uma importante diferença no modo de apresentar a problemática das emoções, pois, entra em cena o sujeito e não mais o organismo, um sujeito histórica e culturalmente constituído.

Gonzáles Rey (2000) destaca⁴⁵ a ênfase na especificidade das emoções como “constitutivas da realidade humana” consiste em um princípio essencial que impediria uma visão reducionista das mesmas, pois, na Psicologia, as emoções nunca têm sido consideradas como uma realidade em si mesma, em seu aspecto subjetivo ⁴⁶.

As preocupações do autor voltam-se para a “significação emocional” de fenômenos de natureza emocional, não conscientes, como o distresse⁴⁷, o que conduzirá a importantes conclusões sobre uma “natureza subjetiva das emoções”(p.53)⁴⁸.

⁴⁴ Esta visão de subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa segundo o autor, a forma essencial dos processos de subjetivação.

⁴⁵ A partir dos trabalhos de A. Heller e especialmente Sartre - no campo da filosofia – que postula: “(...) a emoção significa à sua maneira o todo da consciência ou, se nos situamos no plano existencial, da realidade humana. A emoção não é um acidente, porque a realidade humana não é uma soma de fatos: expressa com um aspecto definido a totalidade sintética humana em sua integridade. Não se deve dizer com isso que é o efeito da realidade humana. É essa realidade humana mesma realizando-se sob a forma de “emoção”. Resulta, pois, impossível considerar a emoção como uma desordem psicofisiológica. Possui sua essência, suas estruturas particulares, suas leis de manifestação, sua significação” (Sartre *apud* Gonzáles Rey, 2003: 37).

⁴⁶ De acordo com Gonzáles Rey (2000), isto acontece devido a alguns fatores: a ausência do tema subjetividade (corroborando para uma representação do psíquico como um conjunto de processos fragmentados, estudados de forma objetiva por meio de unidades e registros de conduta); a resistência em considerar a singularidade do sujeito estudado (fundamentada numa epistemologia positivista, exclui as emoções do processo de construção do conhecimento por não estar de acordo com os requisitos exigidos pela metodologia vigente); a tendência racionalista (que, ao destacar os processos cognitivos e intelectuais, acaba por considerar a emoção mais como um produto do que uma realidade constitutiva e irreduzível da subjetividade humana) (p. 38).

⁴⁷ A partir da definição do autor: “Estado caracterizado por emoções que surgem quando o sujeito não pode expressá-las no espaço dinâmico e que aparece como consequência de uma necessidade, a qual, geralmente, não é consciente” (*id,ibid*,p. 52).

⁴⁸ Critica, por exemplo, uma suposta visão racionalista em nossas representações sociais sobre os conflitos segundo o autor, são constituídos por elementos de natureza profundamente emocional e com frequência não aparecem de forma explícita em nossas representações conscientes (p.54). Para defender e explicitar tais

Frente a essas considerações, Gonzáles Rey, afirma que a única opção para enfrentar a problemática é “desenvolver o tema da emoção dentro de um espaço de categorias que permita de forma simultânea compreendê-las em sua especificidade subjetiva e como momento da configuração da subjetividade como sistema” enfatizando a importância de se colocar tal discussão no campo da subjetividade e das necessidades e motivos do sujeito. Pois, se consideramos a emoção em sua condição subjetiva, sem dúvida necessitamos explicar como o interno e o externo se articulam de uma forma tal que permita sua aparição, assinala ainda.

O conceito de necessidade é apresentado então como um conceito chave para explicar a articulação exposta acima, aliado à subjetividade – em correspondência com a natureza histórico-cultural do homem.

O próprio autor ressalta a complexidade desse dilema abordado por um conjunto de filósofos e psicólogos marxistas⁴⁹, que tentando conceituar a natureza das necessidades, começam a desenvolver um novo conceito que “está associado aos sistemas de relações dentro da existência do indivíduo, assim como à qualidade geral do organismo vivo, o que implicaria compreender a necessidade como um sistema emocional em constante desenvolvimento”(p. 42)⁵⁰.

Enfatizando a ação e a relação no conceito de emoção aliado a subjetividade, Gonzáles Rey (2002) define a necessidade como estados produtores, intimamente ligados à atuação do sujeito numa atividade concreta e, portanto, às emoções enquanto produções do sujeito. Segundo o autor, as emoções entram em relações complexas no espaço das diferentes ações humanas, em contextos sociais específicos, e é exatamente este registro, quando uma produção emocional ainda não se constitui como sentido subjetivo, que se possibilita falar da categoria de necessidade.

idéias, Gonzáles Rey (2000) utiliza conceitos como o de “zonas de sentido” que seriam a princípio “indicadores indiretos do estado emocional”.

⁴⁹ Bozhovich, L. (1997); Nikolov, L. (1982); Davidov, V. (1999), (Gonzáles Rey, 2000: 42).

⁵⁰ Assinalando o caminho a ser seguido, Gonzáles Rey adverte que não se trata, porém, da tendência arraigada na Psicologia de explicar por meio de taxonomias universais de necessidades, as emoções mais diversas do sujeito. E, ressalta a tentativa de Davidov de diferenciar as funções da emoção na organização da atividade do sujeito.

Já os motivos, são definidos pelo autor como “sistemas de necessidades” que vão se configurando de forma relativamente estável na dinâmica da personalidade, participando diferentes núcleos ou “zonas de sentidos” que atravessam as inúmeras formas de atividades do sujeito, podendo ser denominados como “tendências orientadoras da personalidade”. Apresentam-se, assim, como “configurações subjetivas”, na medida em que “permitem compreender a motivação como integração de sentidos de diferentes procedências⁵¹” (p. 246).

É então que Gonzáles Rey (2002) – a partir da perspectiva de Davidov para quem as emoções são inseparáveis das necessidades pois: “enquanto discutimos uma certa emoção, nós sempre identificamos a necessidade sobre a qual se baseia a emoção”– defende a compreensão das emoções como “um sistema de registro pelo qual o sujeito consegue mobilizar-se subjetivamente para o desenvolvimento de uma atividade”. E acrescenta ainda:

“é a emoção que define a disponibilidade do sujeito para atuar, o que é, em si mesmo, um sentido subjetivo que aparece por meio de emoções que expressam a síntese complexa de um conjunto de estados sobre os quais o sujeito tem ou não consciência, mas que são essencialmente estados afetivos, que historicamente têm se definido por categorias como auto-estima, segurança, interesse, etc., que são estados que definem o tipo de emoção que caracteriza o sujeito para o desenvolvimento de uma atividade e dos quais vai depender muito a qualidade da realização do sujeito nessa atividade” (p.245).

Também aqui, em relação ao conceito de emoção, Gonzáles Rey (2002) admite a importância do trabalho de Maturana ressaltando que esse autor

“estabeleceu uma relação entre emoção e ação, que sem dúvida, qualifica culturalmente a emoção sem condicionar sua aparição de forma linear em um sistema de significado. A ação tem inúmeros desdobramentos que levam a

⁵¹ Os motivos são formações de sentido, mas não podem definir de forma direta o sentido subjetivo de uma ação ou atividade de um sujeito, pois o sentido, tal como postulado pelo autor, está associado a uma ação que integra elementos de sentido que aparecem no curso da ação. Vão além de determinantes intrapsíquicos e se constituem como uma “formação psíquica que geradora de sentido presente em toda atividade humana”. Exemplifica: “o motivo sexual não representa simplesmente o estado dinâmico associado à biologia da sexualidade, mas esse estado se ativa dentro de um conjunto de elementos de sentido subjetivo que estão associados à história de cada indivíduo concreto, assim como ao contexto cultural em que vivem” (Gonzáles Rey, 2002: 147).

emoções que não dependem de forma direta de uma significação. A relação entre as emoções e os significados define-se na constituição dos sentidos subjetivos, dentro dos quais essa relação não aparece como determinação de um desses aspectos sobre o outro” (p. 245).

Procura assim, mediante tal argumentação destacar a sensibilidade e a experiência do sujeito em meio as suas vivências e a sua história individual, o que é de suma importância.

Considerando que, nesta perspectiva defendida por Gonzáles Rey, fundamentada em importantes concepções de Maturana acerca da emoção e do ser vivo enquanto ser autopoietico, “é a relação entre emoção e ação que a qualifica como um processo cultural que independe da significação” – que aparece inúmeras vezes na obra do autor em oposição ao subjetivo e ao emocional – assinalamos a emergência do fator cultural como relevante. Mas, esse “cultural”, que está na relação, como impregna, marca constitui as emoções e o próprio sujeito?

Tais considerações o levam a um conceito de emoção que assim se explicita:

“As emoções constituem um processo de ativação somática produzida por uma experiência, que pode ser exterior ao sujeito, corporal, psíquica e no caso dos seres humanos, simbólica, dimensão diferenciada do caráter histórico-cultural do psiquismo humano. O caráter simbólico da psique permite a expressão da emoção diante dos conteúdos simbólicos, o que não implica que esta deixe de responder a outras formas de registros e que, ao aparecer, atuem sobre a psique de diferentes formas, sem que a origem desse processo seja necessariamente de natureza simbólica” (Gonzáles Rey, 2002: 242).

O autor diferencia o simbólico do caráter histórico-cultural, de maneira que as emoções podem “responder a outras formas de registros e que, ao aparecer, atuem sobre a psique de diferentes formas, sem que a origem desse processo seja necessariamente de natureza simbólica”. Quais seriam então essas outras formas de registro? E, como seriam as emoções compreendidas e interpretadas nessa relação em que simbólico e histórico-cultural se distinguem? (Tal como Maturana, no nível de coordenações de ações e sinais imersos nas relações sociais?). Aqui,

podemos suspeitar de que a natureza simbólica no referencial de Gonzáles Rey encontra-se, pressuposta ou identificada no atributo do orgânico de um sujeito em relação e não na trama da relação social propriamente dita.

Numa perspectiva da psicologia histórico-cultural, Gonzáles Rey se propõe a romper além da dicotomia anteriormente explicitada, a separação/oposição entre razão/emoção e mais especificamente, sujeito e sociedade, assumindo a necessidade como produção de um sujeito, cujo princípio organizador é subjetividade, como essencial.

Há uma profunda e explícita preocupação em “resgatar o sujeito” que constitui a obra do autor, norteando suas idéias, análises e concepções de maneira que necessidades, motivos, emoções aparecem como características do sujeito, de um sujeito concreto, sendo definidos em última instância como processos subjetivos. Isto nos provoca a indagar acerca do princípio explicativo que fundamenta a obra do autor.

Partindo dessa indagação e, por outro lado, instigadas pelas inúmeras considerações até aqui levantadas acerca das emoções do ser humano em seu processo de constituição, mediante a obra de todos estes autores, consideramos então a necessidade de retomar as contribuições de Wallon, Vigotski e Bakhtin cuja elaboração teórica encontra-se ancorada nos princípios do materialismo histórico e dialético também defendido por Gonzáles Rey.

O estatuto das emoções numa perspectiva histórico-cultural: Wallon, Vigotski e Bakhtin

Vimos percebendo que os três autores, nossos contemporâneos, colocam em discussão a dicotomia corpo/mente, matéria/espírito que se explicita na oposição razão e emoção, propondo sua superação trazendo inúmeras contribuições de seus campos de conhecimento. Cada um a seu modo procura romper tal cisão, partindo de uma concepção sistêmica do *ser* que se desenvolve ou se constitui na relação, na interação com o meio. Contudo, todos eles se baseiam num fundamento “orgânico” que assume diferentes estatutos (para Gonzáles Rey, por exemplo, acaba, a nosso ver desdobrando-se em subjetivo) a partir de diferentes princípios explicativos.

A concepção de desenvolvimento postulada por Vigotski, Wallon e Bakhtin, autores da perspectiva histórico-cultural, viabiliza uma compreensão diferente, complexa e abrangente acerca deste processo que escapa ao dualismo presente nas discussões sobre o que é produção do indivíduo e o que é produto da ação do meio social. O desenvolvimento é visto não como um acontecimento de natureza estritamente individual, orgânica ainda que como fazem Maturana e Damásio admita-se que ocorre em interação com o meio, mas como um processo de natureza e emergência histórico-cultural – posição assumida também por Gonzáles Rey.

Embora como nos assinala esse último autor, nos trabalhos de Vigotski acerca dessa problemática, haja uma importante distinção entre significado (aspecto dicionarizado) e sentido (aspecto situacional, contextualizado) da palavra, sua contribuição essencial está a nosso ver em destacar a característica do signo como instrumento mediador e constitutivo da atividade mental, do psiquismo humano. Convém assinalar aqui que ao contrário do que postula Gonzáles Rey, a forma como vimos pensando a questão da significação (Pino; Smolka), vai além da diferenciação entre significado e sentido.

Partindo-se do pressuposto da natureza social do ser humano, há, sobretudo, uma preocupação com a formação deste ser, com as questões educacionais, perpassando e constituindo o trabalho de Wallon, Vigotski e Bakhtin.

Como se constitui então para Vigotski, Bakhtin e Wallon o sujeito e o funcionamento psíquico? Vejamos.

A formação do homem enquanto ser humano, histórico e cultural, por isto mesmo diferenciado dos animais, é, segundo Wallon (1995), um processo de “re-construção” constante, não linear, no qual “o outro é um parceiro permanente do eu na vida psíquica”. É um processo amplo, complexo, partilhado, no plano das interações sociais. Para Vigotski a linguagem e a significação, a dimensão semiótica, a cultura assumem relevância. E, Bakhtin nos acrescenta ainda o princípio da dialogia e a questão da ideologia no estudo do psiquismo humano.

Reconhecendo a relevante contribuição de Hegel, mas posicionando-se radicalmente contra o idealismo assumido por esse autor, Marx enfatiza a importância da história humana, na qual o homem se transforma e se (re)cria ao produzir suas próprias condições materiais de existência. Marx define o homem como ser social, e este, ao mesmo tempo em que é produzido pela sociedade, também a produz: “os homens existem em constante atividade. Dentro dos limites estabelecidos pelas circunstâncias que lhes são impostas, os homens estão sempre produzindo as circunstâncias novas que lhes convêm” (Marx apud Konder, 1998: 52).

Konder (1999) assinala que Marx aplicou o método dialético de Hegel, à análise da evolução social, histórica da humanidade postulando que “os seres e as coisas existem em permanente mudança, entrosados uns com os outros, e que só é possível compreendê-los se desde o início forem devidamente consideradas as suas ligações recíprocas” (p. 44). Desta forma, Marx contesta Hegel, reafirmando a história como produção, mas não como autoprodução do pensamento ou idéia de um sujeito alienado, separado de uma sociedade.

Vigotski assume determinadas concepções marxistas e desenvolve uma teoria complexa e abrangente acerca do desenvolvimento humano, da natureza cultural do psiquismo e da consciência, fundamentada no materialismo histórico e

dialético. Partindo desse mesmo pressuposto, Wallon e Bakhtin, partilham idéias e concepções acerca do ser humano e de seu processo de desenvolvimento, apesar de enfocarem e dedicarem seus estudos a temas diferentes.

De acordo com Vigotski a essência do processo de desenvolvimento cultural consiste na idéia de que é através dos outros que nos constituímos, o que caracteriza o caráter dramático do processo dinâmico de constituição da personalidade humana em que necessariamente as funções superiores antes de se tornarem internas, terem sido externas:

“isto é, ter sido para os outros, aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo.(...) Para nós, falar sobre processo externo significa falar social. Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas.” (Vigotski, 2000: p. 24).

Nas formulações de Bakhtin (1999) acerca das relações entre psiquismo e ideologia, podemos perceber semelhante tentativa de tematizar essa tensão sem que se caia num reducionismo, num determinismo ou num relativismo. De acordo com este autor, há uma concepção amplamente defendida que compreende o psiquismo como fenômeno “individual” e a ideologia como fenômeno “social”. Ao contrário, salienta o autor, o indivíduo apresenta-se como um fenômeno sócio-ideológico e “a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos” (p. 58).

Desta forma, para o autor: “o objeto de estudo das ciências humanas é o ser *expressivo* e *falante*. Esse ser que nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2003: 395). O ser que emerge e se constitui na mudança, na relação dialógica com o outro, sendo afetado e afetando-o.

Wallon, também enfatiza a necessidade de não se estudar os fatos isolados, procurando conceber o ser humano numa relação dialética:

“Separar o homem da sociedade, opor, como é freqüente, o indivíduo à sociedade, é descorticar-lhe o cérebro. Pois, se o desenvolvimento e a configuração de seus hemisférios cerebrais são o que distingue melhor a espécie humana das espécies vizinhas, esse desenvolvimento e essa configuração devem-se aos surgimentos dos campos corticais, resultando em como a linguagem implica a sociedade, como pulmões de uma espécie aérea implicam a existência da atmosfera. A sociedade é para o homem uma realidade orgânica. (...)É supérfluo, evidentemente, acrescentar que não haveria sociedade sem os indivíduos que a compõem, nem particularmente sociedades humanas sem o homem e sua compleição psicofisiológica.”(p. 12).

Frente às contingências e condições de existência, o pensamento da criança, a consciência e as emoções se desenvolvem então, para Wallon, na medida em que esta aprende a diferenciar-se em planos distintos (social e pessoal), através dos quais vão se efetivando as diversas dissociações que se colocam entre a experiência concreta, no âmbito das impressões sensíveis e dos sistemas de representações e símbolos que o conhecimento impõe.

Vigotski (re)coloca algumas questões ao problematizar, indagar, analisar como o meio social, a história e a cultura, afetam o indivíduo, a criança para criar as funções superiores que são de origem e natureza sociais – sem que isso signifique retirar do sujeito a sua singularidade (questão bastante discutida, tematizada, por exemplo, em *Psicologia da Arte*), pois se trata de um processo dialético de construção, interconstituição.

O princípio da mediação semiótica e da significação constitui-se fundamental no processo de desenvolvimento humano, de acordo com Vigotski:

“O homem introduz estímulos artificiais, confere significado a sua conduta e cria com a ajuda dos signos, atuando a partir do exterior, novas conexões no cérebro. Partindo dessa tese, introduzimos como pressuposto em nossa investigação um novo princípio regulador da conduta, uma nova idéia sobre a determinação das reações humanas – o princípio da significação – segundo o qual é o homem quem forma a partir de suas relações exteriores, conexões no cérebro, o dirige e através dele, governa seu próprio corpo” (p. 85).

A produção de signos, o princípio de significação, emerge como possibilidade de pensar dialeticamente o funcionamento interno do ser humano em sua constituição histórico-cultural.

A perspectiva de Vigotski postula que a idéia de mediação está indissolivelmente vinculada à de significação⁵². Pois, a significação não é dada, algo pronto e acabado que circula por meio de signos, mas um processo constante de (re)elaboração mediante as condições histórico-culturais de cada sujeito.

Ao discutir natureza cultural do psiquismo humano, a partir das contribuições de Vigotski, Pino (2002) nos aponta a insuficiência do nascer humano, defendendo um “duplo nascimento da criança”, que se desenvolve e se constitui como ser humano mediante uma complexa relação entre o biológico e o cultural, em que se faz necessária uma mediação social e semiótica. Assinala que essa tese – da constituição cultural do homem – supera o antigo dualismo presente na oposição entre natureza e cultura.

Se a teoria de Darwin assume grande relevância para Vigotski, assim como para Damásio e Maturana, coloca-se uma importante diferença, na medida em o primeiro trabalha com o materialismo histórico e dialético. Vigotski – tendo como objetivo criar uma metodologia capaz de construir uma ciência geral voltada não só para a explicação dos fatos psicológicos, mas às “leis históricas” que os determinam – propõe-se a articular “história natural” com a história humana, numa psicologia que revelasse as leis dos processos psicológicos.

Desta forma, ainda ressalta Pino (2002), apontando-nos algumas questões fundamentais para concepção de homem e da própria visão de mundo de Vigotski:

“a espécie *homo* é vista como uma espécie que, à semelhança do que ocorre com outras espécies biológicas, emerge como uma especialização que tem lugar na corrente evolutiva. Todavia, à diferença das outras espécies, o percurso evolutivo que ela segue é diferente, pois não é ditado por leis da

⁵² Os conceitos de mediação e significação têm sido objeto de discussão e investigação numa tentativa de aprofundar a interpretação que se faz deste processo, nas discussões realizadas por inúmeros autores. Para Smolka e Nogueira (2002) a mediação, na perspectiva histórico-cultural deve ser concebida como um princípio teórico que permite uma interpretação das ações humanas como sendo social e semioticamente mediadas. De modo que: “um aspecto da mediação é a incorporação destes instrumentos técnicos e simbólicos na estrutura da atividade humana, e que a atividade humana individual só se constitui na dinâmica das relações sociais” (p. 4).

Pino (2002) elabora tal questão afirmando a significação como um processo de semiose, aliado à mediação. Para o autor, “A mediação semiótica resulta dessa característica da significação, a qual permite que ela possa estar, ao mesmo tempo, em diferentes “lugares” (virtuais?) porque ela não está em lugar nenhum (espacial). Ela está além do tempo e do espaço, apesar de concretizar-se no espaço e no tempo. Se a significação é o valor agregado às coisas – incluída nessas coisas a natureza do homem (dimensão biológica) – ela constitui o componente essencial da cultura (conjunto de produções humanas), aquilo que permite que esta possa ser produzida e interiorizada pelos indivíduos constituindo-se seres culturais” (p. 14).

natureza mas, cada vez mais pelas leis da história humana; história constituída das transformações que o homem opera na natureza visando a fazer dela seu novo meio “natural”. O homem é a única espécie de que se tem notícia que consegue transformar a natureza para criar seu próprio meio em função dos objetivos previamente definidos por ele e que ao fazê-lo, transforma-se ele mesmo, assumindo assim o controle de sua própria evolução. É essa dupla transformação, da natureza e dele mesmo, que chamamos história propriamente dita, da qual passa a fazer parte a história da *natureza*” (p. 9).

Tal concepção de homem, profundamente inspirada pelas idéias marxistas, permite a Vigotski desenvolver sua teoria a partir de duas coordenadas fundamentais num eixo definidor do fundamento da história: a *natureza* e a *cultura*. E, por outro lado, ainda segundo Pino, explica a diferenciação que faz entre as funções psicológicas, apesar de serem interdependentes: *elementares* (de natureza biológica) e *superiores* (de natureza cultural). Assim, o ser humano é constituído por essa dupla série de funções, num processo complexo em que tais funções se fundem entre si, interpenetrando-se no desenvolvimento da criança: “De um lado as funções biológicas transformam-se ao sob a ação das culturais e, de outro, estas têm naquelas, o suporte que precisam para constituir-se, o que as torna em parte, condicionadas pelo amadurecimento daquelas”(id, *ibid.*, p.10).

É, sobretudo, um processo que se dá em dois planos o social e o pessoal, de maneira que as funções culturais que caracterizam a espécie humana não emergem pura e simplesmente das leis da natureza, como fruto de um processo de maturação biológica.

À medida que a criança ao nascer, faz parte de um meio cultural, vai progressivamente constituindo-se como ser humano, frente à mediação do *outro*, as funções biológicas vão se convertendo em funções culturais, inscrevendo-se na história social dos homens:

“Sua constituição em cada indivíduo resulta de um espécie de “transposição de planos (autor fala em *internalização ou conversão*): do plano social, onde constituem o suporte das relações humanas, para o plano pessoal. Em outros termos, elas são o resultado de uma conversão das *funções* das relações sociais que operam na esfera *pública* em *funções* dessas mesmas relações operando agora na esfera *privada*, razão pela qual Vigotski as chama de “quase sociais” (Pino, 2002:11).

A problemática da significação emerge assim, aliada à discussão mais ampla do desenvolvimento cultural do homem e se desdobra num modo de compreender o psiquismo humano como um processo de natureza semiótica.

Frente a essas considerações como a problemática das emoções é abordada por esses autores?

As emoções estão relacionadas ao desenvolvimento das estruturas que compõem o sistema nervoso, de acordo com Wallon (1995):

“O lugar que ocupam as emoções no comportamento da criança, a influência que continuam a exercer sobre o adulto, abertamente ou em surdina, não é pois, um simples acidente, uma simples manifestação de desordem. Organizadas, têm ou tiveram, sua razão de ser. O momento que marcam na evolução psíquica corresponde ao estágio que seus centros ocupam no sistema nervoso. O papel que conservam na conduta do homem parece demonstrado pela relativa autonomia de seus centros”(p. 81).

Ressaltando as íntimas relações que se estabelecem entre o tônus, o movimento e a atividade reflexiva, diferenciando as emoções dos automatismos motores, relacionando-as à consciência e, rompendo com a visão tradicional que considera as mesmas como desajustes, distúrbios, da ordem da patologia, Wallon nos apresenta sua concepção. A emoção é compreendida como um fenômeno simultaneamente biológico e social, num processo dialético.

As emoções têm um fundamento biológico devido às transformações corporais que desencadeiam, essencialmente ligadas ao tônus. Mas, em sua função original de mobilizar o *outro* especialmente nas nos primeiros anos de vida da criança, nos quais a relação de dependência é decisiva. Além disso, as emoções estão no início do processo de constituição da consciência, de maneira que razão e emoção mantêm uma relação de interconstituição, reciprocidade e interdependência ao mesmo tempo em que inibem uma a outra.

Wallon (1979) traz contribuições bastante específicas à problemática debatendo especialmente, quando nos diz:

“As emoções estão vinculadas ao materialismo dialético pela unidade indissolúvel que elas realizam nas suas manifestações entre o pólo orgânico e o pólo psíquico, entre as funções fundamentais da vida (modificações respiratórias, circulatórias, secretórias) e os abalos da consciência que sacodem o sujeito. Mas não é só como unidades somatopsíquicas que elas implicam o materialismo dialético. É duma maneira mais específica pelos contrastes, as contradições, os conflitos intrínsecos ou interfuncionais que lhes estão ligados. As emoções desorganizam o movimento na medida em que este tem necessidade de precisão para efetuar as suas tarefas, razão porque muitos autores as consideram como uma pura degradação da atividade; mas aos espasmos musculares pelos quais emoções substituem o movimento dão a ela uma significação expressiva. A sensibilidade das emoções é visceral, puramente individual e subjectiva, mas suas manifestações são espetaculares, comunicativas e como que rituais” (p. 10).

Anuncia aqui, a questão da significação das emoções sob a ótica do materialismo dialético procurando colocar a tensão entre a dimensão da significação expressiva e a dimensão da sensibilidade individual e subjetiva.

A emoção está na base do processo de construção do conhecimento e da pessoa, constitui o processo de desenvolvimento. Sobretudo, possibilita a passagem do mundo orgânico para o social, do campo fisiológico para o psíquico, estando na origem da consciência. Para Wallon, as emoções são unidades somatopsíquicas de natureza social, com uma significação expressiva. Num processo dialético o biológico, orgânico, encontra-se com o social, sofre alterações, assume um outro estatuto.

Ao refletir e discutir o psiquismo humano Bakhtin (1981) indaga-se:

“O que constitui o material semiótico do psiquismo? Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, *tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo*” (p. 52).

É no escopo destas indagações e considerações acerca do psiquismo que levantamos às questões sobre a problemática das emoções humanas.

Preocupações com os processos afetivos e volitivos, a consciência, perpassam toda a obra de Vigotski. O autor nos aponta em muitos momentos, a relevância dos aspectos volitivos, da atividade voluntária e da consciência como essenciais ao estudo e investigação do funcionamento mental, assinalando os limites de uma explicação ancorada na reflexologia – corrente teórica em pauta na sua época. Vigotski (1999) afirma que o estudo da gênese desses processos cognitivos, das funções psicológicas superiores mostra que “qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico” (p. 113). Todavia, o autor nos traz ainda um outro elemento para problematizar a questão, o comportamento verbal e as possíveis e inevitáveis relações que se estabelecem entre esses processos.

Ressaltando o papel da linguagem no funcionamento psíquico, Vigotski (1999) nos aponta importantes considerações. Ao estudar a evolução do pensamento e da linguagem, o autor enfatiza a mudança que ocorre no decorrer do processo de desenvolvimento dessas funções, em relação às conexões que estabelecem e são estabelecidas entre si, salientando:

“durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções (...), mas as relações, o nexo das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior” (p. 105).

Em suas formulações, marcadas pelos estudos na área da psicologia, da literatura e das relações de ensino, destaca o impacto da palavra enquanto signo, no organismo humano. E questiona-se acerca da origem do poder dessa palavra que afeta o homem, altera, transforma a ação. Coloca assim a palavra enquanto signo e a significação, no centro de suas elaborações acerca da consciência e do psiquismo, na medida em que modifica as relações interfuncionais⁵³.

⁵³ Convém ressaltar, ainda segundo Smolka (2004) que o signo é concebido como “aquilo que se produziu e estabilizou nas relações interpessoais, age, repercute, reverbera nos sujeitos”. É essa história de relações interpessoais, mediadas pela linguagem, pelo discurso, que se destaca, de acordo com Vigotski, a palavra como signo por excelência, como “modo mais puro e sensível de relação social e, ao mesmo tempo, material semiótico da vida interior. Constituindo uma *especificidade* do humano – viabiliza modos de interação e de

A linguagem é colocada por Vigotski no centro das relações e interações que vão se estabelecendo entre o corpo e a mente, entre os processos orgânicos e os processos psicossociais. Tal colocação possibilita uma outra forma de pensar a dicotomia entre interno e externo, definindo uma relação de interconstituição entre pensamento e linguagem. Sendo compreendida como atividade constitutiva dos sujeitos e ao mesmo tempo produção destes, trata-se de uma atividade que permite interpretar, conferir sentido a gestos, expressões, emoções, enfim (re)significar a existência humana.

Desta forma, em relação às emoções, Vigotski (1999) posiciona-se:

“no processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. E é nessa complicada síntese que transcorre a nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões” (p. 127).

O autor introduz o termo emoções humanas, processo que, no homem, apesar de ter suas origens nos mecanismos instintivos, distancia-se desses. São processos complexos, intimamente ligados as funções psicológicas superiores, (linguagem, memória, pensamento) embora não possam ser definidos como uma destas funções – o que nos leva a indagar acerca dos motivos. A partir destas considerações para a compreensão e explicação do funcionamento psíquico, Vigotski (1999), ao discutir a teoria de Espinosa, assinala que a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções.

Em defesa de uma perspectiva interfuncional de integração entre afeto e intelecto, que não se resume simplesmente à junção de corpo e mente, matéria e

operação mental -, possibilita ao homem não apenas indicar, mas nomear, destacar e referir pela linguagem; e pela linguagem, orientar, planejar, (inter)regular as ações; conhecer o mundo, conhecer(se), tornar-se sujeito; objetivar e construir a realidade. A emergência do *verbum* constitui um *acontecimento* de caráter irreversível” (p. 41).

espírito, numa abordagem sistêmica coloca-se assim, a superação de uma perspectiva dualista de desenvolvimento humano.

É também em relação ao homem, que as considerações de Bakhtin acerca das emoções emergem: “o amor, a compaixão, o enternecimento e quaisquer outras emoções são sempre dialógicas nesse ou naquele grau” (p. 318), mas, não porque simplesmente são colocadas no plano das interações sociais e da vida de relação, como aparecem na obra de nossos contemporâneos. Torna-se fundamental considerar o fato de que imersos e constituídos na dinâmica das interações sociais, culturais marcadas por ideologia e poder, sujeitos e emoções, afetam e são afetados mutuamente.

Diante de tudo isso, do que foi visto, discutido analisado, podemos vislumbrar algumas considerações importantes. Em Damásio a homeostase, cujo princípio organizador é o self, a mente, é o conceito chave para a explicitar a superação das dicotomias. Maturana desenvolve o conceito de autopoiese, cujo princípio organizador é o ser vivo. Gonzáles Rey, admite a necessidade como fundamental, tendo na subjetividade que se desdobra em individual e social, um princípio organizador. Wallon, Vigotski e Bakhtin partilhando o pressuposto de emergência histórico e cultural do psiquismo, da consciência em sua íntima relação com a linguagem e a significação – que poderíamos considerar o princípio organizador do ser humano – nos provocam a (re)tomar a problemática das emoções situando-a no âmbito desta discussão. Consideramos que aqui se encontra uma chave para a compreensão das emoções humanas como “processos que isolam-se do reino dos instintos e desenvolvem-se num plano totalmente novo”, como postula Vigotski (1998) numa citação lapidar.

Consciência, linguagem e significação

A partir do que foi apresentado até o momento, procuramos agora colocar em discussão algumas concepções que consideramos centrais para a nossa argumentação. Vimos percebendo nesse estudo que a questão da relação entre emoção, consciência e linguagem torna-se crucial para o entendimento e o próprio desenvolvimento da problemática levantada em relação às emoções humanas.

Especialmente em relação ao lugar que tais concepções e suas relações assumem no psiquismo humano na obra dos referidos autores, vamos encontrando inúmeras nuances, diferentes ênfases no modo de problematizar e enfrentar a questão.

Diante das inúmeras possibilidades que se abrem, escolhemos então, encaminhar o diálogo com os autores a partir de suas contribuições mais específicas e/ou relevantes para a discussão sobre os modos de conceber e teorizar as emoções humanas.

Damásio e a neurobiologia da consciência: o senso de si - self e proto-self

Em relação à consciência, a emoção assume, para cada autor, um determinado papel, ora distanciando-se numa dependência limitada ora aproximando-se, num processo de interconstituição. Iniciamos a discussão pelas considerações de Damásio acerca das relações entre emoção e consciência, por entendermos que tal questão coloca-se como fundamental para o autor.

O organismo explicitado por Damásio, constituído pela parceria cérebro-corpo⁵⁴ interage com o ambiente como um conjunto (não sendo a interação só do

⁵⁴Segundo Damásio, o cérebro e o corpo encontram-se indissociavelmente integrados por circuitos bioquímicos e neurais recíprocos dirigidos um para o outro, com duas vias principais de interconexão: sendo uma

corpo ou só do cérebro). Porém,

“organismos complexos como os nossos fazem mais do que interagir, fazem mais do que gerar respostas externas espontâneas ou reativas que no seu conjunto são conhecidas como comportamento. Eles geram também respostas internas, algumas das quais constituem imagens (visuais, auditivas, somatossensoriais)”(Damásio, 1996:115)⁵⁵.

Damásio explicita as distinções entre comportamento e mente, postulando que nem todos os organismos mais complexos apesar de possuírem cérebro e apresentarem um comportamento, possuem uma mente. Os cérebros podem apresentar muitos passos que intervêm nos circuitos que realizam a mediação entre o estímulo e a resposta, e ainda assim, não possuírem uma mente, pois há uma condição essencial: “possuir a capacidade de exibir imagens internamente e de ordenar essas imagens num processo chamado pensamento” (Damásio, 1996: 115).

O mecanismo de geração de imagens adquire relevância especial nas elaborações do autor. As imagens são baseadas em representações neurais e ocorrem na mente por evocação ou percepção. Formadas ou sob o controle de receptores sensoriais, ou sob o controle de representações disposicionais, as imagens são definidas como “construções momentâneas”, e “*tentativas de réplica*” de padrões já experienciados pelo organismo, sendo que a probabilidade de reprodução substancial vai depender sempre das circunstâncias em que essas imagens foram assimiladas e estão sendo lembradas⁵⁶. Além disso, têm de estar essencialmente correlacionadas com aquelas que, a cada momento, constituem

constituída por nervos motores e sensoriais periféricos (transportam sinais de todas as partes do corpo para o cérebro, e deste para todas as partes do corpo), a outra via é a corrente sangüínea (transporta sinais químicos, como: hormônios, neurotransmissores e neuromoduladores)” (p. *id.*, *ibid.*, 113).

⁵⁵ Essa idéia é fundamental para entendermos as concepções de comportamento e mente explicitadas pelo autor. Ao apresentar e discutir tais concepções, Damásio nos confronta com a idéia de que nem todas as ações comandadas por um cérebro são causadas por deliberação.

⁵⁶ Para Damásio “as imagens são baseadas diretamente nas representações neurais, e apenas nessas, que ocorrem nos córtices sensoriais iniciais e são topograficamente organizadas. Mas são formadas ou sob o controle de receptores sensoriais que estão orientados para o exterior do cérebro (isto é, a retina) ou sob o controle de representações disposicionais (disposições) contidas no interior do cérebro, em regiões corticais ou núcleos subcorticais” (*id.*, *ibid.*, p.125).

uma base neural para o *eu* (estado neurobiológico perpetuamente recriado – *self*, como vimos).

Assim sendo, a consciência pode ser separada em tipos, simples, consciência central (fornece ao organismo um sentido do *self central* relacionado ao que está acontecendo no organismo no momento presente), e complexo possui vários níveis e graus, sendo denominado consciência ampliada (fornece ao organismo um complexo sentido do *self autobiográfico*, de identidade, situando a pessoa em um momento do tempo histórico individual relacionando passado vivido e futuro antevisto). Para o autor, como vimos, o *self* funciona como um “modelo do corpo no cérebro” que, consiste numa coleção de mecanismos cerebrais cuja principal função é a gestão automatizada da vida do organismo. Tal gestão, por sua vez, realiza-se devido a uma série de “ações regulatórias estabelecidas de modo inato”, cuja mobilização depende das “informações fornecidas por mapas neurais próximos que sinalizam, momento a momento, o estado de todo organismo” (*id., ibid.*, p.42). Tais mapas são constituídos pelos marcadores somáticos, as emoções e sentimentos em correlação com as imagens que se produzem no organismo.

Damásio compreende e explica a consciência, essencialmente, a partir de dois de seus mecanismos fundamentais: a regulação interior da vida e a produção de imagens. Ressaltamos ainda, a distinção feita pelo autor entre mente e consciência: “consciência é a parte da mente relacionada ao sentido manifesto do *self* e do conhecimento. A mente não é apenas consciência, e pode haver mente sem consciência como descobrimos em pacientes que possuem uma e não a outra” (Damásio, 2001: 47). Convém ressaltar que a consciência consiste na construção de um conhecimento sobre um organismo que está empenhado em relacionar-se com algum objeto, e o objeto que, nessa relação, causa uma mudança no organismo.

Desta forma, para Damásio (2001) a importância de se inserir uma análise do papel biológico das emoções na discussão mais ampla da consciência, reside no fato de que elas fornecem aos organismos, automaticamente, comportamentos

voltados para a sobrevivência⁵⁷. De maneira que em organismos com mecanismos que viabilizam a capacidade de sentir emoções, o que equivale a ter sentimentos, essas emoções impactam a mente de maneira imediata, em relação ao que acontece no momento presente apenas. Contudo, em organismos que possuem consciência, capacidade de saber que têm sentimentos, há ainda um outro nível de regulação. Pois, a consciência na medida em que permite que os sentimentos sejam conhecidos pelo organismo, promove internamente o impacto da emoção no organismo (corpo-mente), permitindo que esta, através do sentimento, permeie o processo de pensamento, ampliando consideravelmente as possibilidades de reação adaptativa⁵⁸.

Em suma, o autor distingue emoção e consciência como fenômenos diferentes e afirma que o mecanismo biológico subjacente à emoção é independente da consciência. No entanto, são fenômenos que estão interligados na medida em que asseguram a sobrevivência do organismo.

Damásio aponta que as emoções, tendo uma dimensão interna das mudanças nos estados corporais experimentados apenas pelos sujeitos, possuem ainda uma dimensão externa na medida em que muitos “sinais” podem ser observados por quem está de fora, vão além de sua essência, portanto⁵⁹. Contudo, ao voltar-se para o que acontece no organismo, vejamos, como o autor elabora sobre o assunto.

⁵⁷ “Em organismos equipados para sentir emoções, ou seja, para ter sentimentos, as emoções têm um impacto sobre a mente, no momento que ocorrem, no aqui e agora. Mas em organismos equipados com consciência, ou seja, capazes de saber que têm sentimentos, existe ainda outro nível de regulação. A consciência que permite os sentimentos sejam conhecidos e, assim promove internamente o impacto da emoção, permite que ela, por intermédio do sentimento, permeie o processo de pensamento. Por fim, a consciência, torna possível que qualquer objeto seja conhecido – o “objeto” emoção e qualquer outro objeto – e, com isso, aumenta a capacidade do organismo para reagir de maneira adaptativa, atento às necessidades do organismo em questão.

⁵⁸ Desse modo, além da emoção, especificamente descrita como o conjunto de reações (estados químicos e neurais), é preciso que ocorram duas etapas adicionais antes de uma emoção ser *conhecida*: “a primeira é o sentimento, a transformação em imagem das mudanças que acabamos de examinar. A segunda é a aplicação da consciência central a todo um conjunto de fenômenos. Conhecer uma emoção – sentir um sentimento – só ocorre nesse ponto” (Damásio, 2001:95).

⁵⁹ Com base em importantes considerações acerca do mecanismo neural subjacente às emoções secundárias Damásio chega ao que concebe como *essência* da emoção: “a coleção de mudanças no estado do corpo que são induzidas numa infinidade de órgãos por meio das terminações das células nervosas sob o controle de um sistema cerebral dedicado, o qual responde ao conteúdo dos pensamentos relativos a uma determinada entidade ou acontecimento. Muitas das alterações do estado do corpo – na cor da pele, postura corporal e expressão facial, por exemplo – são efetivamente perceptíveis para um observador externo. (...) Existem alterações do estado do corpo que só são perceptíveis pelo dono desse corpo. Mas as emoções vão além de sua essência” (Damásio, 1996: 168).

Partindo dessa dupla função biológica das emoções, sendo a primeira a produção de uma reação específica a uma situação indutora e a segunda a regulação do estado interno do organismo, de maneira que ele possa estar preparado à reação específica, Damásio(2001) afirma:

“Embora a composição e a dinâmica precisa das reações emocionais sejam moldadas em cada indivíduo pelo meio e por um desenvolvimento único, há indícios de que a maioria das reações emocionais, senão todas, resultam de uma longa história de minuciosos ajustes evolutivos. As emoções são parte dos mecanismos biorreguladores com os quais nascemos equipados, visando a sobrevivência” (p. 77).

Podemos aqui (re)encontrar o princípio explicativo reiterado pelo neurocientista:

“Em suma, para certos tipos de estímulo claramente perigosos ou valiosos no meio interno ou externo, a evolução reservou uma reação condizente na forma de emoção. É por esse motivo que, apesar das infinitas variações encontradas nas diferentes culturas, entre os indivíduos e no decorrer de uma vida podemos prever com algum êxito que certos estímulos produzirão certas emoções”(p.78).

Nesta perspectiva evolucionista, cujo princípio explicativo é biológico, nascemos, portanto, equipados com as emoções. Elas têm um caráter universal, intrínseco à espécie, e isso é o que garante que possamos experimentar as emoções individualmente e reconhecer as emoções nos outros.

Refletindo sobre as *emoções de fundo*, Damásio oferece-nos outros importantes apontamentos para a discussão. Segundo o autor:

“quando percebemos que uma pessoa está “tensa” ou “irritada”, “desanimada” ou “entusiasmada”, “abatida” ou “animada”, sem que nenhuma palavra tenha sido dita para traduzir qualquer um desses possíveis estados, o que detectamos são emoções de fundo. Detectamos emoções de fundo por meio de detalhes sutis, como a postura do corpo, a velocidade e o contorno dos movimentos, mudanças mínimas na quantidade e na velocidade dos

movimentos oculares e no grau de contração dos músculos faciais”(id.,ibid.p.75-76).

Detectamos detalhes sutis... sem que nenhuma palavra seja dita... Sinais orgânicos? Imediatos? Não ambíguos? Inscritos no organismo pelo processo evolutivo e imediatamente perceptíveis pelos membros da espécie? Podemos perguntar.

Admitindo a especificidade das emoções humanas, e colocando como um “segundo problema do mistério que é a consciência humana” a questão: “como sabemos que sentimos uma emoção?” Damásio busca uma resposta relacionando os conceitos de *self* (senso de si) e *Proto-self* (proto-si) ao mecanismo mais “sofisticado” das emoções secundárias, que implica não só o processo de formação de imagens na mente, mas a possibilidade de representar estados do organismo, de experienciar emoções e sentimentos, como já foi assinalado.

Os sentimentos, como “processos de sentir uma emoção”, confundem-se com o princípio da consciência, pois, abrem aos organismos mais complexos a possibilidade, não só de ter uma reação automática, mas de saber que se tem essa reação, e poder assim construir conhecimentos e sintonizar essa reação com as mais diversas finalidades.

Vigotski e Wallon são autores que também admitem a complexidade das emoções humanas e problematizam a questão das emoções e da consciência a partir de uma perspectiva evolucionária. Em que diferem de Damásio?

Em suas considerações acerca do psiquismo humano, das relações que se estabelecem entre consciência e emoção, esse dois autores estão ancorados em um outro princípio explicativo, o da natureza social. Ou seja, a especificidade das emoções humanas e a emergência da consciência não são explicadas pelo desenvolvimento filogenético, apenas. Aí intervêm fatores que vão, sim, se tornando possíveis no processo evolucionário, mas que produzem eventos de outra natureza (Vigotski,1995; Pino, 2003). O princípio explicativo é diferente, pois se consideram essencialmente os fatores sociais, históricos e culturais neste processo, bem como a linguagem e a significação. Aqui podemos perceber como o modo como são teorizadas e concebidas as emoções começa a fazer uma certa

diferença.

Para Damásio, como vimos, a distinção e complexidade das emoções humanas referem-se primordialmente ao fato de que há uma modulação na maquinaria neural subjacente ao mecanismo das emoções humanas, sendo que as emoções secundárias têm um mecanismo mais complexo relacionado às áreas mais modernas do córtex cerebral. Esse mecanismo mais complexo é de natureza orgânica, característico da espécie, e resultante da evolução dos mecanismos adaptativos. São precisamente essas características da flexibilidade e da adaptabilidade que distinguem o argumento de Damásio da posição de William James, por ele criticada.

A crítica de Vigotski(2003) à teoria de James guarda esse mesmo teor:

"É precisamente ele (James) quem diz que durante o período histórico de evolução da humanidade, se aperfeiçoaram e desenvolveram os sentimentos humanos superiores, que os animais desconheciam. Mas tudo o que o homem havia recebido do animal permaneceu invariável, já que é, como se expressa James, uma simples função de uma atividade orgânica. Isso significa que a teoria proposta, a princípio, para demonstrar (como já disse, referindo-me a Darwin) a origem animal das emoções, terminou demonstrando a falta de conexão no desenvolvimento do que o homem havia recebido do animal e do que surgiu no período histórico da evolução" (p. 87).

Vigotski comenta também sobre os trabalhos de Cannon, ressaltando sua contribuição com relação à interpretação das emoções e suas expressões orgânicas. Cannon descreve emoções diferentes como medo, ira, terror, como tendo a mesma expressão orgânica. Baseando-se em dados experimentais, ele nega a conexão simples existente entre a emoção e sua expressão corporal: mostra que não é específica da natureza psíquica das emoções. As reações orgânicas podem ser as mesmas, mas o *significado* que cada manifestação assume é diferente.

Além disso, seus experimentos levantam, nas palavras de Vigotski (2003), um verdadeiro paradoxo:

"Se é fato que as profundas mudanças orgânicas que se produzem no animal

mediante reações emocionais fortes carecem por completo de importância para as emoções e se a emoção persiste, apesar da subtração dessas mudanças orgânicas, como se pode compreender biologicamente para que servem tão profundas mudanças?” (p. 92).

Essa contradição é explicada por Cannon com a constatação de que tal reação emocional é apenas o princípio da ação, não o seu fim, de maneira que as reações orgânicas são importantes para o que se segue à emoção e não para esta propriamente dita – como o comportamento de fuga num animal, no qual há uma intensa atividade muscular que o prepara. O ponto fraco da teoria de Cannon reside no fato de ele não ter sido capaz de explicar o desenvolvimento progressivo das emoções, postulando que iam diminuindo e apagando-se gradativamente. Contudo, Cannon mostra, como salienta ainda Vigotski, que “não é a própria emoção que morre, mas seus componentes instintivos” (p. 94).

Indagando-se também acerca de consciência e emoção, mais enfaticamente acerca das alterações do movimento que se torna gesto e constitui as emoções como choro, o riso e o medo, Wallon (1995) afirma que tais efeitos ou aspectos ligados às emoções têm origem no domínio postural, que se estende a toda atividade tônica do organismo, “tanto às funções viscerais quanto ao jogo das atitudes visíveis” (p. 69). Salientando, assim como Damásio, que a emoção, independentemente da nuance, do aspecto, do efeito que assume, apresenta sempre como condição fundamental a alterações no tônus dos membros e da própria vida orgânica, conclui: “modulação afetiva e modulação tônica acompanham-se mutuamente”. Numa relação dialética, emoção e consciência entram em co-relação.

O problema essencial do estudo da consciência, para Vigotski (1999), em sua época, residia no fato de que esta era considerada ou como um sistema de funções, ou como um sistema de fenômenos. Em contrapartida, argumenta que a consciência é “algo integral” mas, “deve considerar-se a mudança da consciência em seu conjunto como explicação de qualquer mudança interfuncional” (p.173).

O autor assinalava, por exemplo, a partir do estudo e análise de diferentes concepções, uma correlação fundamental entre a vida intelectual e a vida afetiva.

Afirmava que “o pensamento tem origem na esfera das motivações, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulso, afeto e emoção” (Vigotski, p.76). Observava que quando se manifesta um processo psicológico alterado, um distúrbio, um quadro de esquizofrenia, ocorre uma desintegração dos sistemas mais complexos que, são alcançados com a vida coletiva, tais como pensamento, e, embora os afetos não mudem, acabam por perder a função que desempenhavam nestes sistemas.

Para o autor, a organização da inteligência se dá numa relação dinâmica, de interfuncionalidade, entre afeto e intelecto, de modo que um dos maiores defeitos da psicologia tradicional, é a separação entre os aspectos intelectuais e os aspectos afetivos, volitivos. Coloca-se desse modo, a superação de uma perspectiva dualista de desenvolvimento humano em defesa de uma perspectiva que não se resume simplesmente à junção de corpo e mente, matéria e espírito, mas que se constitui numa abordagem sistêmica (Oliveira, 1992).

Assim sendo, em relação aos afetos, Vigotski (1999) enfatiza que a forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos foi (im)posta pelo meio que nos rodeia inclui também nossos sentimentos e emoções:

“não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. Com eles sucede algo parecido ao que ocorre com a memória, quando se transforma em parte interna do processo do pensamento e começa a ser denominada memória lógica. Assim como nos é impossível distinguir onde termina a percepção superficial e onde começa a compreensão em relação a um objeto determinado (na percepção estão sintetizadas, fundidas, as particularidades estruturais do campo visual e da compreensão), também no nível afetivo, nunca experimentamos os ciúmes de maneira pura, pois ao mesmo tempo estamos conscientes de suas conexões conceituais”(p. 126).

Vigotski (1999) ressalta, assim, a interfuncionalidade entre afeto e intelecto, numa relação de dupla afetação, num processo de interconstituição. E afirma também que “os processos mentais superiores são processos mediados por sistemas simbólicos, principalmente a linguagem, que fornece os conceitos e as

formas de organização do real” (p. 80).

Considera, portanto, que as emoções humanas participam desta organização interfuncional do psiquismo, dos processos mentais superiores afetando-os, constituindo-os. Neste processo, as emoções vão se tornando mais complexas, vão se distanciando do plano dos instintos, e só podem ser compreendidas no plano das interações sociais, marcadas, portanto, pela mediação semiótica, pelas formas de linguagem, constitutivas dos seres humanos.

De acordo com Damásio (1996), o fato de um organismo possuir mente significa basicamente que ele é capaz de formar representações neurais que podem se tornar imagens manipuláveis num processo chamado pensamento. Este processo, constitui-se, como vimos a partir do mecanismo de marcação somática composto por emoções e sentimentos. E, acaba por influenciar o comportamento em virtude do auxílio que confere em termos de previsão do futuro, de planejamento desse de acordo com essa previsão e da escolha próxima ação⁶⁰.

Como Damásio, enfrentando tal questão também a partir de dados neurológicos, Wallon defende que a função das emoções está em sua íntima relação com o movimento e atividade reflexiva, na origem da consciência. Nesta perspectiva, a emoção assume grande relevância no processo de desenvolvimento humano sobretudo, na medida em que possibilita a passagem do mundo orgânico para o social, do campo fisiológico para o psíquico, estando na origem da atividade reflexiva, como vimos. Assume assim, um caráter extremamente contraditório, tendo, então, como função, fazer a transição entre dois pólos que se constroem em uma relação dialética, que se afirmam na medida em que se opõem constantemente.

Ao investigar as premissas psicofisiológicas da consciência corporal, Wallon (1995) ressalta que, considerando-se a organização suficiente das reações simultâneas ou sucessivas e seus motivos íntimos ou externos, a noção do eu psíquico, implica uma oposição premente e virtual do que é diferente, estranho a sua própria personalidade:

⁶⁰ Encontramos aqui, um importante apontamento que nos remete à polêmica questão da materialidade, do fundamento orgânico, que acaba sendo diluído nas elaborações tanto de Maturana como Gonzáles Rey, na

“A noção do eu corporal não se limita à intuição, mesmo suficientemente coordenada, dos órgãos e sua atividade. Ela exige que se faça a distinção entre o que deve ser relacionado ao mundo exterior e o que deve ser atribuído ao próprio corpo, para defini-lo sob seus diferentes aspectos. Portanto, uma condição indispensável, se não automaticamente suficiente, é que seja possível a ligação entre atividade voltada para o mundo exterior e a relacionada mais imediatamente com as necessidades e as atitudes do corpo” (p. 173).

E, em relação ao pensamento da criança, Wallon enfatiza que este se desenvolve na medida que diferencia-se em planos distintos, por meio dos quais concretizam-se inúmeras dissociações que se impõem entre a experiência concreta, no espaço das impressões sensíveis e dos sistemas de representações e símbolos que o conhecimento lhes superpõe. De maneira que:

“Essa aptidão para criar um espaço mental, onde o espírito esteja livre para se orientar, tem vários níveis. É preciso distinguir desde logo, como mostraram as consequências de certas lesões cerebrais, entre a percepção das relações que as coisas mantêm efetivamente entre si no espaço atual e o poder de lhes conferir uma posição prescrita ou de atribuir a si próprio uma direção definida^{*}. Então a imagem deve preceder o fato. Ao percebido opõe-se o que não é ainda senão virtual. Para orientar-se no espaço real, é preciso ser capaz de superpor-lhe um espaço mental. Isso é ainda mais necessário para formar uma imagem que sobreviva ao objeto e o substitua, para instituir analogias entre as imagens, para substituí-las por toda a série de noções e símbolos que fazem da experiência vivida o universo pensável. Essa progressão está manifestamente ligada ao desenvolvimento e à maturação dos centros nervosos, de modo que ela pode ser comprometida por algumas lesões, como o demonstram análises recentes sobre os fatos da agnosia, da afasia, do assimbolismo^{**}” (p.18).

Tais formulações nos remetem a Damásio e sua tentativa de compreensão e explicação do funcionamento mental, embora o princípio explicativo deste processo

relação organismo-meio, sujeito-sociedade, e que pode se desdobrar numa interessante discussão de conceitos e processos relacionados à imagem, representação e significação em estudos posteriores.

^{*} Ver, entre outros, Pierre Marie e Béhague, *Rev. Neur.*, jan, 1919.

^{**} Ver Gelb e Goldenstein, citados por Cassirer. Cassirer, *Journal de psychologie*, maio-junho, julho-outubro, 1929.

seja diferente.

De um ponto de vista diferente do de Damásio, procurando contemplar a tensão entre emoção e consciência, Wallon assinala uma relação profundamente dialética, ao mesmo tempo complementar e antagônica, entre as mesmas. Assim sendo, o autor afirma que a primeira está no cerne, na origem da segunda, mantendo-se, portanto, intrinsecamente articulada à atividade reflexiva, atividade esta que, tanto para Wallon quanto para Vigotski, constitui-se por meio da mediação social.

Investigando as origens do caráter na criança, Wallon (1995) ressalta ainda o papel decisivo da relação de troca que se estabelece entre o indivíduo e o grupo do qual faz parte, afirmando:

“O que ele aprende a exprimir e, por conseguinte, a conhecer de seus desejos, não é senão o seu aspecto socializado. Dessa forma, é todo um conjunto de noções mesmo provisoriamente sem utilização nem aplicação pessoais, que ele adota, como moeda de troca necessária, ou mesmo eventualmente, como modelo e meio de ação. Em seu esforço por se conhecer portanto, o indivíduo sabe apenas aplicar a si mesmo uma opinião, que está tanto nele quanto fora, mas que lhe é imposta, como a todos os demais pelo meio social e, através deste, pelas condições e formas atuais da existência social.” (p. 16).

A criança se desenvolve, se constitui como ser humano, por meio das interações *eu-outro*, no âmbito das relações sociais em que está imersa. Ao criticar os estudos da inteligência e do conhecimento na criança, Wallon ressalta o fato de que o desenvolvimento da mesma é função do meio social. Assim, diferenciando as emoções dos automatismos motores, relacionando-as à consciência, são compreendidas como um fenômeno simultaneamente biológico e social, num processo dialético, tal como a inteligência, o funcionamento mental, a consciência.

Maturana e as *coordenações consensuais de conduta: o linguajar, o emocionar e o conversar*

Maturana não se detém na análise das possíveis relações entre emoção e consciência, mas é interessante notar que o autor admite o caráter relacional destes fenômenos, que mantêm entre si uma relação causal.

Partindo de um princípio biológico, explicitado anteriormente, o autor considera os seres humanos como sistemas operacionalmente fechados, autopoieticos e estruturalmente determinados, e as emoções como características desses sistemas. Defendendo que os sistemas vivos são “entidades autônomas” que, apesar de necessitarem de um meio para sua existência concreta, de “intercâmbio de material”, todos os fenômenos relacionados a eles dependem essencialmente da “forma pela qual sua autonomia é realizada” (Maturana, 2002:134). Enfatizando a ação e a relação do/entre organismo e meio, Maturana afirma que a autoconsciência não está no cérebro, mas que pertence ao espaço relacional que se constitui no operar humano, na linguagem. Traz assim à discussão a questão da linguagem.

Ao reconhecer e admitir que somos “*sistemas determinados em nossa estrutura*” e que sofremos influência do meio circundante, o autor volta-se ao espaço de relações em que se dá a convivência humana, procurando enfatizar a complexidade destas relações. Desta forma, o autor salienta:

“O humano surge, na história evolutiva da linhagem humana à qual pertencemos ao surgir a linguagem, porém se constitui de fato como tal na conservação de um modo de viver particular centrado em compartilhar alimentos, na colaboração de machos e fêmeas na criação das crianças, no encontro sensual individualizado recorrente, e no conversar. Por isto, toda relação humana se estabelece na linguagem (...)” (Maturana, 1998: 86).

Então, segundo Maturana, toda a história individual humana é sempre uma epigênese na convivência humana:

“toda história individual humana é uma transformação de uma estrutura inicial hominídea fundadora, de maneira contingente com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço humano. Esta se constitui na história hominídea a que pertencemos com o estabelecimento de linguajar como nosso modo de viver. A célula inicial que funda um organismo constitui sua estrutura inicial dinâmica, aquela que irá mudando como resultado de seus próprios processos internos, num curso modulado por suas interações num meio, segundo uma dinâmica histórica na qual a única coisa que os agentes externos fazem é desencadear mudanças estruturais determinadas nessa estrutura. O resultado de tal processo é um devir de mudanças estruturais contingente com a seqüência de interações do organismo, que dura desde o seu início até sua morte como num processo histórico, porque o presente do organismo surge em cada instante como uma transformação do presente do organismo neste instante. *O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem*”(id, ibid.,p.28-29).

Temos um processo biológico de transformação e reestruturação, evolutivo, natural e inerente a todo ser humano de qualquer sociedade e cultura, o que pode nos remeter ao construtivismo de Piaget – de quem, no entanto, Maturana faz questão de se distinguir. Trata-se de um processo histórico porque contempla as interações progressivas que se estabelecem entre organismo e meio na história desse organismo e da espécie, porque há o *linguajar* que possibilita o processo de *hominização*. O que por sua vez é explicado pelo surgimento de uma emoção (o amor), um fenômeno biológico animal, mamífero, como vimos.

Muitas dessas constatações nos levam, a princípio, a indagar acerca de uma possível relação entre as idéias do biólogo e de autores como Vigostki e Bakhtin que colocam a linguagem na centralidade de suas concepções e indagações acerca da consciência e do psiquismo humano. No entanto, antes de mais nada, faz-se necessário explicitar como o autor concebe a linguagem e quais as implicações desse conceito.

Em relação à definição e concepção de linguagem, Maturana posiciona-se:

“Há pouco eu disse que a linguagem é um domínio de coordenações consensuais de condutas de coordenações consensuais de condutas. Notem vocês que se eu tivesse dito: *a linguagem é nosso instrumento de comunicação*, teria colocado a linguagem no corpo, como instrumento através do qual manejamos símbolos na comunicação. Se eu manipulasse algo que é um símbolo para transferi-lo para outro, trataria a linguagem como uma

propriedade em mim que me permite manipular símbolos. Mas reconheço que a linguagem se constitui nas coordenações consensuais de condutas de coordenações consensuais de condutas. Reconheço também que a linguagem não se dá no corpo, mas sim no fluir em coordenações consensuais de condutas” (Maturana, 1998:27).

Podemos vislumbrar então, uma noção de linguagem que se explicita como sendo um fenômeno que ocorre na dinâmica das interações entre os seres vivos e adquire uma complexidade maior nos seres que ocupam um grau mais elevado na cadeia evolutiva.

O que vêm a ser essas *coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta*? O que está por trás desse modo de conceber/conceituar a linguagem? Qual a definição da mesma? Qual a sua relação com a emoção?

A linguagem (incluídos os próprios fenômenos que nela emergem) não se limita ao que ocorre no interior do organismo, emerge, desenvolve-se na dinâmica de coordenações consensuais de conduta dos organismos e participam destes. Tal concepção o leva a utilizar o termo “linguajar” na medida em que, dentre outras coisas, contempla o movimento, a dinâmica de coordenações de conduta, o operar humano, numa concepção que enfatiza o caráter relacional.

Para o autor as emoções como “diferentes domínios de ação presentes no homem e nos animais” são o que possibilitam ou não a linguagem, ou “as coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta” na medida em que colocam ou não “o outro como legítimo outro” e possibilitam a convivência, fundam o social e, portanto nossa própria estrutura homínídea.

Assumindo que linguagem e emoção mantêm uma intrínseca relação no processo de constituição do homem, Maturana conceitua o amor como a emoção fundadora do social, que não só possibilita a linguagem, mas assegura a convivência:

“por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência, ainda que, uma vez na

linguagem, ela possa ser usada na agressão” (Maturana, 1998: 22-23).

Maturana assinala que os seres vivos, os organismos, vivem num *espaço condutal* ou de *ações*, em que suas ações vão se transformando e se coordenando em diferentes domínios e a partir de diferentes disposições corporais. Os seres humanos em suas “ações de conhecer”, vão se desenvolvendo e se relacionando através de um modo especificamente humano de operar, de se movimentar e se relacionar que se dá no entrelaçamento do *linguajar* e do *emocionar*. Imersas no *emocionar* e no *linguajar* – como “um operar em um espaço de coordenações condutais consensuais” cujo entrelaçamento é “simples resultado da convivência com os outros em um curso contingente com tal convivência” – as crianças vão naturalmente aprendendo a se comportar, a se emocionar. Nas palavras do autor:

“Ao nos movimentarmos na linguagem em interações com outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história das interações que tenhamos vivido, e no qual surgiu nosso emocionar como um aspecto de nossa convivência com os outros, fora e dentro do linguajar. Ao mesmo tempo, ao fluir nosso emocionar em um curso que tem resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínios de ações e, portanto mudamos o curso de nosso linguajar e de nosso raciocínio. A este fluir entrelaçado de emocionar e linguajar denomino “conversar”, e chamo conversação ao fluir no conversar em uma rede particular de linguajar e emocionar” (Maturana, 1998: 83-84).

Mediante tal formulação, Maturana (2002) defende que a verdadeira problemática da linguagem reside em se “chegar a um acordo sobre sinalização de algo, chegar a um consenso no operar – o consenso que constitui a sinalização”. E, exemplifica a seguir:

“se você tem um cão e aponta algo com o dedo, o cão se orienta para onde sua mão aponta. Então, a pergunta é: “O que deve ocorrer nas minhas interações com o cão para que, se eu apontar algo, o cão se oriente para o que eu estou apontando?” Para nós isso parece uma coisa fácil porque vivemos imersos nisto (...) “Como pode surgir esse apontar?” Esse é o verdadeiro segredo da linguagem: o apontar” (p. 37).

A partir daí, levanta a questão dos símbolos, que segundo o autor sendo criados justamente pelo que apontam fora de si mesmo, “são coisas que orientam o outro, não para si, mas para outra coisa”. Entretanto, Maturana enfatiza a questão da experiência, do operar humano na linguagem de maneira que os signos e símbolos acabam sendo definidos simplesmente como resultados desse operar. Para o autor, tal questão (signos/símbolos) é algo secundário, de modo que é preciso haver a linguagem para que surjam signos e regras (*id.*, *ibid.*, p. 39).

A ênfase no caráter relacional, na complexidade das relações que se estabelecem entre os seres; o lugar que a linguagem, tomada como *linguajar*, assume no quadro de referência do autor; os fenômenos (como o ego, a psique e a consciência) que emergem nesta dinâmica de coordenações consensuais de conduta; pode remeter, em princípio, a uma possibilidade de aproximação dessa perspectiva da “Biologia do Conhecimento” de Maturana com uma perspectiva bakhtiniana, que postula o princípio da dialogia, como fundamental para o entendimento das relações e manifestações humanas.

No entanto, com relação a esses aspectos, a perspectiva do materialismo histórico-dialético marca uma importante diferença. Tanto para Bakhtin quanto Vigotski, a questão da linguagem e a problemática da significação são concebidas e formuladas de maneira radicalmente diferente. A emergência do signo e a possibilidade de significação, são primordiais no funcionamento psíquico, constitutivos desse funcionamento. Nesse particular, vale ressaltar aqui a contribuição de autores como Luria, Vigotski e Pino, especialmente em relação à problematização da linguagem, do simbólico, da sinalética animal e da semiótica, que remetem a profícuas discussões.

Ao problematizar a questão da polifonia no romance de Dostoiévski, por exemplo, Bakhtin (1997) ressalta seu caráter profundamente dialógico e afirma que:

“não se constrói como o todo de uma consciência que se assumiu, em forma objetificada, outras consciências mas como o todo da interação entre várias consciências dentre as quais nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra” (p. 17).

Propondo, assim, uma espécie de “polifonia de consciências coexistentes” que se expressa numa “multiplicidade de vozes”, o autor se refere às manifestações dialógicas como “um fenômeno bem mais amplo do que as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (*id.*, *ibid.*, p. 42).

Contudo, Bakhtin (1981), focalizando estudos da linguagem criticando determinadas tendências que se condensam em correntes do pensamento filosófico-linguístico como o *subjetivismo individualista* e o *objetivismo abstrato*, indaga-se acerca do modo de existência da realidade lingüística, do problema da natureza real dos fenômenos lingüísticos, trazendo à discussão questões relacionadas à evolução da língua, a interação verbal e ao problema da significação. A linguagem em seu caráter relacional é discutida, compreendida e analisada em sua íntima relação com o signo e à ideologia, a partir da problematização das condições de produção e da *natureza social da enunciação*.

Enfatizando que a palavra, enquanto signo, funciona como um instrumento essencial da consciência tornando-se o “primeiro meio da consciência individual”, Bakhtin (1981) postula:

“Embora a realidade da palavra, como de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual. (...) Isso determinou o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, consciência* (discurso interior). Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse material. A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como expressão externa. Por isso o problema da consciência individual como problema da *palavra interior*, constitui um dos problemas fundamentais da filosofia da linguagem” (p. 37).

Por outro lado, na medida em funciona como um instrumento da consciência, a palavra (*signo por excelência*) acompanha toda criação ideológica e seus processos de compreensão, pois todos esses “fenômenos ou processos humanos banham-se no discurso”, não sendo contudo suplantados por ele.

Ressaltando a complexidade do ato de conhecimento que implica a capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo, numa configuração dialógica do “ativismo cognoscente e o ativismo do que se abre”, Bakhtin (2003) afirma:

“Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão) da expressão. A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro” (p.394).

Neste processo:

“Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. Os elementos do infantilismo da autoconsciência (...) às vezes permanecem até o fim da vida (a concepção e a noção de mim mesmo, do meu corpo, do meu rosto e do passado em tons carinhosos). Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro. Mais tarde começa a adequar a si mesmo as palavras e categorias neutras, isto é, a definir, a si mesmo como homem independentemente do *eu do outro*” (p. 374).

Vigotski, partindo de uma concepção muito próxima da perspectiva bakhtiniana, acerca do humano, da consciência, também assume a linguagem e a palavra enquanto signo como centrais em sua obra. Em suas elaborações acerca da significação, falando do gesto de apontar, o autor descreve, de maneira prototípica, o movimento que se torna gesto, que se torna signo nas relações sociais. Nesse sentido, os movimentos, os gestos, os afetos, o que chamamos de manifestações emocionais como o choro, o riso, a agressão, e mesmo o silêncio, já não são apenas sinais que o corpo expressivo apresenta, mas têm o estatuto de signos, uma vez que esse corpo expressivo está imerso na cultura.

Vigotski traz ainda, a questão do discurso interior, cuja função seria a de apoiar os processos psicológicos mais complexos: processos de pensamento, de auto-regulação, de planejamento da ação, de monitoração do próprio funcionamento afetivo volitivo (Oliveira, 1992). Desta forma a linguagem possibilita ainda uma elaboração emocional, dá condições ao homem de assumir suas emoções na medida em que por meio dela, toma consciência de seus sentimentos e emoções que o afetam, a todo o momento.

Aqui a linguagem (enquanto produção humana, que se torna possível na relação) vai além de uma visão mecanicista, de simbolização, decodificação de sinais e comunicação, constitui o pensamento, a consciência. O autor destaca a relação entre atividade reflexiva e linguagem, aprofundando as investigações sobre as diversas formas e funções da linguagem em relação com as ações – humanamente, socialmente – significativas, e com o pensamento. Dentre as possíveis funções da linguagem, encontram-se não só as funções de generalização e comunicação, mas as funções reguladora do comportamento e planejadora das ações. Sem linguagem seria impossível a consciência que, na medida em que está relacionada às emoções nos leva a refletir acerca de seu papel no funcionamento das mesmas.

O fato de o homem ser capaz de pensar sobre/nos afetos, elaborar sentimentos e emoções por intermédio da linguagem e da mediação social, situando-os em outras relações com seu intelecto e outras instâncias, altera muito toda a sua vida psíquica. É então, que Vigotski, assumindo as contribuições de Espinosa defende que “o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo”. Ainda nas palavras de Vigotski:

“nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção”.(p. 127).

Em meio a toda essa discussão, convém ainda colocar que, como já destacamos anteriormente, discutindo a questão da oposição entre racional e emocional, Maturana debate o dualismo entre corpo e alma afirmando que este se resolve quando “admitimos (...) que somos sistemas determinados em nossa estrutura e, portanto, que existem certos fenômenos que não ocorrem dentro do corpo, e sim nas *relações com os outros*” (p.27). Para exemplificar tal afirmação o autor faz uso de sua concepção de linguagem afirmando que ela “não se dá no corpo, mas sim no fluir em coordenações consensuais de conduta”, está, portanto, na relação. E, tal constatação o distancia de Damásio, aproximando-o a princípio, de nossa perspectiva.

Se, por um lado, Damásio em termos da neurobiologia, considera as respostas motoras (ações) e respostas mentais (imagens que se formam na/pela mente), a emergência do *self*, buscando explicar e fundamentar a base neural da subjetividade, numa perspectiva evolucionista que postula a complexidade do funcionamento mental, neurológico, Maturana, nos traz de uma perspectiva também evolucionista a complexidade das relações que se estabelecem entre os seres como algo fundamental, crucial para explicar o que caracteriza e distingue o especificamente humano – o *linguajar*, o *emocionar* e, então o *conversar* como o (modo de) “operar humano na linguagem”.

Na consideração das emoções, Maturana privilegia a linguagem e as (inter)relações, e isso nos parece uma contribuição relevante. Damásio enfoca o funcionamento mental, a consciência, o que nos parece de suma importância. A questão é como conceber estes aspectos (inter)relacionados.

É justamente com relação ao modo de conceber essa problemática que vemos a contribuição particularmente valiosa dos trabalhos de Vigotski, Wallon e Bakhtin, na medida em que ressaltam o aspecto constitutivo da vida de relação em tensão dialética com a emergência da consciência e do funcionamento mental (no nível individual e no nível coletivo).

Gonzáles Rey e os processos de subjetivação: a ênfase no *sentido subjetivo*

Nas elaborações de Gonzáles Rey as emoções aparecem relacionadas à necessidade e à subjetividade, apresentando-se em última instância como registros somáticos complexos que vão se relacionando e se desenvolvendo de acordo com a história do sujeito no âmbito das diferentes instâncias de relações sociais em que está inserido. Estando intimamente ligadas à subjetividade individual (nesse ponto, a subjetividade social não é mencionada pelo autor), são produções do sujeito relacionadas a produções de sentido subjetivo e à história desse sujeito – enfatizada inúmeras vezes em suas análises.

Gonzáles Rey (2002) destaca a dimensão do sentido como fundamental para compreensão da subjetividade:

“A dimensão do sentido, constitui um aspecto essencial na definição do subjetivo, em que o sentido não pode ser visto como emoção ou significado de forma abstrata, mas como a expressão de uma nova síntese, que só pode ser compreendida dentro do movimento permanente de dos significados e das emoções dentro das quais se define sentido subjetivo” (p. 251).

É numa determinada definição de sentido de Vigotski que Gonzáles Rey se fundamenta. Para esse autor, ao colocar os processos psíquicos dentro de uma representação sistêmica, contraditória e em constante desenvolvimento, Vigotski procura superar a fragmentação dominante na Psicologia⁶¹ e afirma:

⁶¹ Destacando as considerações de Robbins acerca dessa problemática na perspectiva histórico cultural, Gonzáles Rey (2002) nos traz uma questão essencial: “as tendências, tanto dentro da tradição *Teoria da Atividade* como na psicologia sócio-cultural, têm sido a não-identificação do sistema complexo e dialético de natureza subjetiva proposto por Vigotski, que rompe com a lógica dominante da fragmentação elementar ou dos princípios universais para definir a organização geral da psique. Este sistema foi denominado por Vigotski como *sistema dinâmico de sentido* (1934/1987), idéia que foi somente apresentada em sua obra, em torno da qual se produziram muitas das construções mais relevantes do autor, particularmente em sua compreensão dialética do caráter contraditório e complementar dos diferentes processos psíquicos. Com a idéia de sistema dinâmico de sentidos, Vigotski transcende a dicotomia do externo e o interno dentro de uma nova definição ontológica da psique, de caráter sistêmico e processual, que se mostra de forma simultânea como organização e processo” (*id., ibid*, p.253).

“O sentido de uma palavra é agregado de todos os fatores psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem inúmeras zonas de sentido que variam em sua instabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas”.

Ressaltando sobretudo:

“É muito interessante a intenção explícita de Vigotski de manter o sentido dentro da delimitação do psicológico e de defini-lo em relação à palavra como “agregado de todos os fatores psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra”(id.,*ibid.*, p.129).

Partindo de uma concepção dialética inspirada, segundo o autor, por Vigotski, uma nova categoria aparece como a principal unidade constitutiva da subjetividade (como forma de organização da psique): o *sentido subjetivo*.

A categoria de sentido subjetivo permite de acordo com Gonzáles Rey (2002), uma

“representação de cada experiência do sujeito em sentidos diferentes, segundo sua inclusão em outros registros de sentido já constituídos no nível subjetivo. O sentido é responsável pela grande versatilidade e formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito” (p.131).

Assim, o autor defende uma insubordinação da do sentido a uma lógica racional externa: “O sentido se impõe à racionalidade do sujeito, o que não explica sua associação só ao inconsciente, como já foi dito, pois um mesmo sentido transita por momentos conscientes e inconscientes, até mesmo de forma contraditória” (id.,*ibid*, p. 252).

Como produção do sujeito, de um sujeito concreto, tal categoria está profundamente relacionada ao emocional, à *emocionalidade* legitimando uma “nova racionalidade”, distante da objetividade severamente combatida pelo autor.

De acordo com Gonzáles Rey, a integração do afeto na vida psíquica consiste em um “processo pelo qual o afeto ganha sentido subjetivo”. A subjetividade é concebida então apoiada particularmente no conceito de sentido subjetivo, que como produção do sujeito, representa a forma essencial dos processos de subjetivação. Pois,

“o sentido exprime as diferentes formas de realidade em complexas unidades simbólico-emocionais, nas quais a história do sujeito e dos contextos sociais produtores de sentido é um momento essencial de sua constituição, o que separa esta categoria de toda a forma racional de apreensão de uma realidade externa” (pág. 227).

A categoria de sentido subjetivo, aparece também como elemento chave para se analisar o tema das emoções a partir de sua constituição subjetiva. Mas, por outro lado, quase que tautologicamente, as emoções representam um momento essencial na definição do sentido subjetivo dos processos e relações do sujeito, pois “uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional” (*id.*, *ibid.*, p.249).

Se o subjetivo está sempre relacionado ao emocional e se as emoções são entendidas como definidoras do sentido subjetivo, conforme propõe o autor, como se dá esse processo de produção de sentidos e/ou o que possibilita ao sujeito produzir sentidos e inteligibilidade?

Gonzáles Rey, preocupado em colocar o sujeito no centro do debate em psicologia, valorizando a experiência e a sensibilidade, a produção emocional, de emocionalidades, critica primordialmente a racionalização da emoção, admitindo a existência de emoções inconscientes.

Por outro lado, o autor faz severas críticas às concepções que colocam a linguagem e o discurso no centro de suas indagações ⁶² e acaba por deslocar ou

⁶² Partindo do pressuposto de que a maioria das correntes se baseiam no estruturalismo francês, profundamente marcado pela obra de Saussure (lingüista, para quem de fato a língua assume relevância maior em detrimento do sujeito, do falante) e da teoria de Lacan (que também comete o esmo erro de omissão ou desconsideração do sujeito), Gonzáles Rey desenvolve assim uma severa crítica às correntes da psicologia que trabalham com a categoria do discurso por apagar, a-sujeitar o sujeito. Afirma: “A dimensão afetiva permite-nos construir processos de subjetivação relevantes para os processos da subjetividade social que têm sido profundamente descuidados até o momento e representam uma importante opção para que a psicologia

não dar relevância algumas das mais importantes contribuições de Vigotski que residem, a nosso ver, precisamente em suas elaborações sobre a linguagem, a palavra e o princípio de significação e as relações que se estabelecem entre consciência e emoção no funcionamento psíquico.

As questões persistem e começam a assumir novos contornos... Como esse complexo processo de produção de sentidos adquire sentido, tornando-se social e individualmente passível de interpretação?

Wallon, Vigotski e Bakhtin: a significação em questão

Diversas, complexas, delicadas, questões persistem no decorrer dos séculos numa busca de compreensão e explicação do homem e de suas relações com o mundo e o conhecimento. Perscruta-se: que homem é esse? Como conhece e se dá a conhecer? O que determina, marca ou constitui esse processo? Natureza? Mundo? O próprio homem em suas ações?

Numa tentativa de compreender e explicar como se dá o processo de construção, aquisição, constituição do conhecimento humano, de como na relação entre organismo e mundo ocorrem significativas alterações em um e outro, questões acerca de linguagem, sinais, signos, significação e imagens vão se colocando na obra dos autores com os quais dialogamos.

A problemática da significação não é nova e está relacionada à Teoria do conhecimento. Inúmeros pensadores, filósofos, dedicaram-se tema, formulando diversas e divergentes teorias que se desdobraram nas conhecidas correntes *empiristas*, *aprioristas*, dentre outras. Na Teoria do Conhecimento podemos assinalar Locke (1987) que, no *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, postula que todo conhecimento deriva fundamentalmente da experiência sensível, e indaga-se acerca de função e significado da palavra.

Imerso nesta mesma busca, assumindo a íntima relação entre linguagem, representação e imagem afirma que uma representação que não fosse conotada

não fique aprisionada em categorias que se convertem em novos monopólios da construção teórica, como a categoria do discurso" (p. 46).

por palavras seja uma consigna falada ou a expressão verbal de uma intenção, não poderia ser fixada pela consciência, Wallon elabora:

“A imagem sensível não é o único elemento constituinte da representação... ela tende já para a linguagem, o instrumento melhor sistematizado e mais expeditivo do pensamento, que maneja não as coisas, mas os símbolos, ou que maneja as coisas por meio de símbolos... A relação entre significante e significado não pode ser a simples resultante automática da atividade prática... É a este poder de substituição que se reduz a função simbólica... A função simbólica é o poder de encontrar para um objeto a sua representação e para esta representação um signo... Artificial na medida em que a sua forma e significação se fazem mais abstratas, a própria origem do signo já não pode ser procurada nas coisas. O signo implica como que uma cumplicidade, um entendimento com os outros. Tem necessariamente por matriz a sociedade...” (Wallon, apud Smolka, 1979:165-187).

Vigotski e Bakhtin aprofundam-se no assunto, colocando a centralidade da palavra enquanto signo para a constituição da consciência e do próprio ser humano, trazendo a problemática da significação.

Nessa perspectiva, a linguagem assume um lugar central, há então uma passagem da representação à significação, o que implica mesmo o processo de formação de imagens é afetado, permeado e constituído por signos e sentidos socialmente constituídos e legitimados, que como fenômenos, criações ideológicas trazem um/muitos valores agregados. Assim, mesmo que o processo pressuponha mecanismos básicos de ordem orgânica, neurológica, reflexológica (como nos mostra Damásio) não se encontram nessas esferas uma explicação satisfatória.

Numa reflexão extremamente relevante Bakhtin indaga-se acerca da realidade do psiquismo subjetivo e postula:

“A realidade do psiquismo interior é a do signo. Sem material semiótico não se pode falar em psiquismo. Pode-se falar de processos fisiológicos, de processos do sistema nervoso, mas não de processo do psiquismo subjetivo uma vez que ele é um traço particular do ser, radicalmente diferente, tanto dos processos fisiológicos que se desenrolam no organismo, quanto da realidade exterior ao organismo, realidade à qual o psiquismo reage e que ele reflete, de uma maneira ou de outra. Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, na fronteira dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas esse encontro não é

físico: o *organismo* e o *mundo* encontram-se no signo. A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque *o psiquismo interior não deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado senão como um signo*” (p.49).

Mas... o que isso tem a ver com as emoções?

Barthes (1988) numa análise do discurso amoroso – passando pela obra de autores como Nietzsche, Michelet, Goethe, dentre outros – polemiza uma série de questões acerca do choro, sua manifestação e expressão, ajudando-nos a (re)colocar a questão:

“Talvez chorar seja muito geral; talvez não se deva dar a todos os choros a mesma significação; talvez haja no mesmo enamorado vários sujeitos que se empregam em modos vizinhos, mas diferentes de “chorar”. Qual é esse “eu” que tem “lágrimas nos olhos”? Qual é esse outro que um dia estava “à beira das lágrimas”? Quem sou que choro “todas as lágrimas do meu corpo”? ou derramo ao acordar uma “torrente de lágrimas”? Se tenho tantas maneiras de chorar, é porque, talvez, quando choro, me dirijo sempre a alguém, e o destinatário das minhas lágrimas não é sempre o mesmo: adapto minhas maneiras de chorar ao tipo de chantagem que pretendo exercer ao meu redor através das lágrimas.

Ao chorar, quero impressionar alguém, pressioná-lo (“Veja o que você faz de mim”). Talvez seja – e geralmente é – o outro que se quer obrigar desse modo a assumir abertamente sua comisseração ou sua insensibilidade; mas talvez seja também eu mesmo: me faço chorar para provar que a minha dor não é uma ilusão: as lágrimas são signos e não expressões. Através das minhas lágrimas, conto uma história, produzo um mito da dor, e a partir de então me acomodo: posso viver com ela, porque, ao chorar, me ofereço um interlocutor empático que recolhe a mais verdadeira das mensagens, a do meu corpo e não a da minha língua: “Que são palavras? Uma lágrima diz muito mais.” (p.42-43).

Uma lágrima diz muito, mas, nem sempre... há algo que possibilita e constitui esse *dizer*. Como assinala Bakhtin todos os fenômenos do psiquismo humano banham-se no discurso. As emoções embora signifiquem a sua maneira, como nos aponta Gonzáles Rey, estão imersas num discurso mais amplo que lhes possibilita essa significação, do contrário, não fariam sentido aos sujeitos afetando-os em seu processo de constituição. Assim sendo, tomar uma lágrima, um choro,

um sorriso implicaria pensar ao mesmo tempo na realidade exterior deste fenômeno – social, histórica, cultural – e na realidade interna – orgânica, individual e subjetiva. Isso porque dentre outras considerações, há uma materialidade orgânica, individual, mas os sentidos e significados que o constituem são de natureza social.

Maturana nos coloca a questão da ação e do conhecer como uma ação adequada ao sistema que constitui o “ser vivo” e a “circunstância”, articulando *emocionar e linguajar* no modo especificamente humano de operar (*conversar*) como vimos. Damásio nos permite vislumbrar um sujeito que conhece e sente, em que self e consciência, razão e emoção estão intimamente relacionados no funcionamento mental humano; nos assinala o caráter social das emoções (secundárias) no homem, no entanto o faz sem que a cultura e a história sejam admitidas como constitutivas e definidoras. Gonzáles Rey enfatiza o caráter subjetivo das emoções, compreendidas como produções de um sujeito de vivências, necessidades e motivos. Vamos percebendo que numa trama complexa, todos eles, defendem uma interfuncionalidade entre razão e emoção, colocadas no plano das interações.

Wallon nos diz que as emoções estão vinculadas ao materialismo dialético devido unidade indissolúvel que realizam em suas manifestações entre orgânico e o psíquico, entre “as funções fundamentais da vida (modificações respiratórias, circulatórias, secretórias) e os abalos da consciência que sacodem o sujeito”. O próprio autor nos adverte que não é só como essas unidades somatopsíquicas que implicam o materialismo dialético, mas “aos espasmos musculares pelos quais emoções substituem o movimento dão a ela uma significação expressiva”. Portanto, apesar da sensibilidade das emoções ser visceral, individual e subjectiva, suas manifestações são espetaculares, comunicativas e como que rituais, sociais.

Apesar de ser o primeiro a explorar uma unidade somatopsíquica que integra o organismo e o meio, Wallon não nos oferece uma discussão mais aprofundada do papel da cultura e da própria significação. É Vigotski quem faz isso

e, a discussão se amplia com o diálogo com Bakhtin e as contribuições da perspectiva histórico-cultural (Pino, Smolka).

As emoções como apontam todos os autores se produzem, são produzidas, emergem nas relações e interações sociais. Mas, para Wallon são sociais, porque nutrem-se dos efeitos que causam no outro. E, para Vigotski, *“as emoções que isolam-se do reino dos instintos e deslocam-se para um plano totalmente novo”*; tornam-se complexas porque há uma relação dialética entre consciência, linguagem e significação; não são apenas emoções mas emoções humanas! Estando assim, no plano da história e da cultura humanas, da dimensão semiótica, assumem um outro estatuto. São dialógicas, como aponta Bakhtin, relacionam-se à linguagem e o processo de significação social, portanto.

Podemos pensar então, no fato de que as emoções assumem múltiplos sentidos e diversos significados nas relações humanas, e merecem ser interpretadas na dinâmica das interações, mas, a partir das condições concretas que se produzem e são produzidas. Coloca-se a necessidade de procurar compreendê-las no jogo de relações sociais, que trazem em si implicadas a história, a cultura, ideologia.

Tal tentativa de explicação/compreensão acaba por colocar as emoções em outra perspectiva. Não se trata mais de compreendê-las em seu caráter de expressividade – como se as manifestações emocionais fossem apenas um canal de escoamento de sentimentos, uma forma de dar vazão a um ou vários sentimentos e emoções que estariam confinados a um compartimento secreto e, prestes a explodir. As emoções significam. São (re)significadas na relação com o *outro*, na dinâmica das interações humanas. E, nas relações dos sujeitos com o conhecimento vão se tornando ainda mais complexas, vão afetando e transformando a ordem das conexões que se estabelecem nos processos psicológicos e fenômenos humanos. Na medida em que estão no terreno “interindividual” podem fazer sentido e afetar os sujeitos em seu processo de desenvolvimento, constituição do conhecimento e de si mesmos como seres humanos.

Ao tematizarmos a emoção, a sensibilidade frente à racionalização, colocando-a no plano das ações humanas, interações sociais e mais especificamente, na dinâmica interativa de produção do conhecimento, torna-se extremamente importante trazer à discussão a noção de *significação*, tal como apresentada em relação aos autores da perspectiva histórico-cultural que defendemos. Trata-se, entretanto, de uma questão no mínimo polêmica, de maneira que não temos a menor pretensão de dar conta nesse estudo.

A significação, assim entendida implica representação, mas vai além na medida em que entra em cena o plano simbólico, cultural. Pois, a representação, enquanto possibilidade de formação de imagens, idéias, pensamentos, emoções restringe-se, pelo menos em seu funcionamento a um nível individual (biológico, orgânico, fisiológico como nos coloca Damásio?). Contudo, tais imagens, idéias, pensamentos, emoções se formam, se compõem nas/pelas relações entre pessoas, na “trama de significações”, com a mediação, a operação com signos, como nos aponta Smolka (2004).

Elaborando acerca dos “processos de significação”, Pino (2002) assinala:

“Por “processos de significação” são entendidos aqui os modos de produção, circulação e (re)elaboração de *significação*, tomado esse termo no sentido pleno que engloba tanto os vários modos de interpretante a que se refere Pierce, quanto os que recobrem os termos “significado” e “sentido”, utilizado por Vigotski e outros (Bakhtin, Lúria, Leontiev etc.). Os processos de significação concretizam-se na vida cotidiana das pessoas, nas diferentes formas de práticas sociais, uma vez que a significação é uma produção social. Eles traduzem assim a natureza semiótica e dinâmica da sociabilidade humana. Em outros termos, os processos de significação traduzem a dinâmica da *semiose* humana, expressão da capacidade criadora do homem” (p.112).

Mediante o complexo processo de constituição cultural do ser humano, o núcleo central da obra de Vigotski e Bakhtin, os processos de significação se constituem como o “que possibilita que a criança se transforme sob a ação da cultura ao mesmo tempo que esta adquire a forma e a dimensão que lhe confere a criança, pois as significações que a sociedade lhe propõe (impõe?) adquirem o sentido que elas têm para a criança” (Pino: 2002, 112).

Assim, a dimensão da significação está profundamente ligada a capacidade criadora do homem, que de acordo com os princípios marxistas, transforma a natureza e nesse processo transforma a si mesmo. De maneira que, não é o sentido, subjetivo como nos aponta Gonzáles Rey, mas a significação entendida nesses termos, como (re)produção humana, criação humana, que permite ao homem elaborar, construir, (re)significar afetos, ações, emoções, não se sujeitando a significados e sentidos (im)postos pela sociedade. A significação é antes de tudo, criação humana. E, criação que emerge no entrelaçamento do indivíduo, homem com seu entorno, seu meio histórico-cultural.

O modo como compreendemos a significação consiste em considerá-la como um processo mais amplo que não se restringe ao significado, tampouco ao sentido. Vamos percebendo que considerar tal processo dentro de uma concepção novamente dual, além da possível dicotomia que se produz, nos distancia dos princípios de Vigotski.

Organismo e mundo encontram-se no signo como afirma Bakhtin. A linguagem e a significação enquanto ação de significar gesto, ação, palavra, emoção, são fundamentais à constituição do humano, ressalta Vigotski. Aqui, encontramos importantes elementos para avançar na problemática conceitual das emoções, recolocando o lugar das mesmas no processo de constituição do conhecimento e do próprio ser humano, rompendo com o dualismo que ainda persiste em relação à racionalidade – e que assim se (re)coloca atualmente: emoção X razão – e indivíduo e sociedade. Especialmente a indagar acerca de como conceber as emoções relacionadas à linguagem e à significação.

Salientando que a palavra (signo) na medida em funciona como um instrumento da consciência acompanha toda criação ideológica e seus processos de compreensão, Bakhtin (1981) afirma:

“Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica banham-se no discurso e não podem ser totalmente isoladas nem totalmente separadas dele”(p.38).

E, fornece indícios para a compreensão não só da consciência e do psiquismo humano, mas das emoções que se desdobram em movimentos, que se tornam gestos sem perder seus aspectos orgânicos e subjetivos.

Debruçando-se sobre a complexa e envolvente problemática da significação, Smolka (2004) adverte uma outra polêmica crucial acerca de uma possível supervalorização da linguagem verbal, dos signos verbais em relação aos não verbais. Sem deixar de admitir e mesmo enfatizando, a importância destes últimos, a autora indaga-se acerca das condições de existência dos homens no mundo que possibilitam a interpretação dos signos, do que transforma e caracteriza a ação humana, e de como ação e significação estão relacionadas. Embora não seja nossa intenção nos determos nessa polêmica, assinalamos apenas a necessidade de encará-la, posteriormente. Por agora, interessa-nos assinalar que a ação humana e significação estão profundamente imbricadas, intimamente relacionadas, o que nos aponta a necessidade de enfrentá-la em relação às emoções colocadas por todos os autores no plano das ações e interações entre organismo e meio.

Nas palavras da autora podemos ainda vislumbrar:

“É nesse sentido que falamos que o organismo vivo, vibrante, expressivo, requer interpretação e, somente na relação com outro, torna-se corpo significativo, corpo que sente e pensa, corpo tornado signo, corpo com estatuto de sujeito, que se vê, se (re)conhece. Corpo marcado, afetado pelas práticas historicamente construídas, *locus* de sensações, emoções, sentimentos, enquanto *locus* de relações: *as funções mentais superiores são relações sociais internalizadas* (Vygotsky, 1981:160). Essa *conversão* só se torna possível pelos signos produzidos nas relações. É nesse sentido, também, que podemos dizer que o que é internalizado é a *significação* da relação com o outro, significação aqui tomada como marcas ou efeitos que se produzem e impactam os sujeitos na relação” (*id.*, *ibid.*, p. 43).

Nesse momento, podemos então colocar alguns importantes apontamentos para a discussão que nos propomos em relação às emoções humanas. Estando, como vimos, as emoções humanas intimamente ligadas à ação humana, no plano das interações, no jogo de relações de poder e ideologia, são afetadas pela linguagem, pela palavra/verbum, pela significação.

As possibilidades de significação, compreensão, conhecimento, sentido, encontram-se, segundo Smolka (2004), ancoradas nas práticas sociais, nas relações interpessoais que transcorrem numa experiência partilhada, mas que nunca é igual a todos, e na história destas relações, que se faz possível na/pela dimensão do discurso – enquanto linguagem em seu funcionamento – daquelas práticas. Assim, a autora argumenta:

“Nessa trama de relações, corpo e palavra são signos, que se destacam dentre os outros. Mutuamente constitutivos, corpo e palavra significam (Bakhtin, Peirce). Poderíamos dizer que aqui se encontra o locus da constituição do sujeito: corpo marcado - destacado, nomeado, constituído como tal - pela linguagem. Pela produção do signo na relação com o outro, podemos compreender como as sensações e a sensibilidade se tornam significativas; como os movimentos se tornam gestos; como o corpo expressivo passa a significar. Ele significa para o outro e, nesse movimento, passa também a significar para si próprio. Impossível a pessoa relacionar-se diretamente consigo mesma. Indiretamente é possível. E essa via mediada se faz pelo signo. Por isso dizemos que, no homem, a dimensão social é necessariamente semiótica. É a dimensão natural, orgânica, biológica, investida, transformada, redimensionada pela vida de relação, pelos modos e condições de produção, pela cultura” (p.45).

Como compreender as emoções humanas nessa trama? Como compreender os afetos, sentimentos, emoções que emergem num movimento que se torna gesto, signos passíveis de interpretação e, que no entanto trazem o que há de mais singular, único, subjetivo?

Junto com movimento, para Wallon, a emoção é a expressão da vida, a partir do biológico. E no entanto, o que seria a emoção sem o corpo expressivo, o movimento significativo, o gesto interpretado, a palavra, que torna possível designar, conceber, (re) conhecer, não só ela, a emoção, mas o próprio sujeito que se emociona. A emoção não se limita ao que está sendo expresso, mas *significa* na relação com o outro. O biológico se transforma em sócio-histórico, como defende Vigotski. Os corpos expressivos vão se alimentando, vão se constituindo na cultura, vão sendo impregnados pelos signos, historicamente produzidos, ao mesmo tempo em que são expressões, manifestações de um sujeito.

As emoções não são apenas sinais observáveis que têm a ver simplesmente com os automatismos e a expressividade/expressão. O choro, nem sempre

significa dor. Um chute, empurrão, nem sempre é uma agressão. São vários os sentidos, os significados que podem ser atribuídos às manifestações e às emoções dependendo do contexto em que elas emergem e da própria história do sujeito que as sente e manifesta.

Vigotski defende que estudar o psiquismo humano é estudar as práticas sociais, pois o psiquismo emerge e se desenvolve a partir dessas práticas, dentre elas, a educação. O homem assim se constitui, enquanto ser humano, estando imerso em relações sociais, histórico-culturais. Aponta ainda a possibilidade de considerar o funcionamento mental como um processo de apropriação e elaboração de cultura, na medida em que as funções psicológicas superiores são funções/relações internalizadas de modos sociais de interação – incluindo as formas de ação e signos (instrumental psicológico) e os artefatos culturais (instrumentos técnicos).

Desta forma, estudar as emoções, seu lugar no funcionamento psíquico, no processo de constituição do ser humano, aponta a necessidade de compreendê-las a partir dos jogos de relações, nas/pelas práticas sociais de sujeitos que se emocionam em suas ações de conhecer. A educação está implicada no modo como nós concebemos o funcionamento mental ou a formação psíquica, entendendo o desenvolvimento humano como um processo histórico, cultural, a partir das formulações de Marx, assumidas por Vigotski.

Não se trata, portanto de, simplesmente valorizar a dimensão afetiva, no processo de constituição do conhecimento e do ser humano apenas. Trata-se, sobretudo, de compreender as emoções humanas, buscando analisar algumas das diferentes concepções, que de alguma forma acabam por repercutir no processo de ensino-aprendizagem, no trabalho pedagógico do professor em sala de aula. Refletir acerca das implicações dessas concepções – na maioria, fundamentadas em princípios biológicos, numa abordagem naturalista, inspirada nos trabalhos de Darwin – para esse processo. Entendendo as emoções, como funcionam, o lugar que ocupam e sua função no psiquismo humano e por outro lado, como são explicadas por alguns dos relevantes autores que se dedicam ao tema e, centrando as análises na trama das relações sociais, que este trabalho é uma contribuição a

esta compreensão. Trata-se de uma preocupação com as relações intersubjetivas, mas, sobretudo, com a relação dos sujeitos com o conhecimento do *outro*, do mundo, de si.

Wallon (1979) numa busca pela compreensão do processo de constituição do ser humano, mais especificamente da pessoa, nos diz:

“A oposição que o metafísico estabelecia entre ser e intelecto passa a existir, por conseguinte com os psicólogos, no interior da própria inteligência. É em relação ao real ou a verdade que ela deve ser definida? Evidentemente que o conhecimento postula o seu acordo. Mas o ponto de partida é diferente; e de cada um podem resultar conseqüências diversas, por exemplo, no plano pedagógico” (p. 39).

Temos procurado em nossas análises⁶³ ressaltar a dimensão significativa socialmente orientada das emoções, em seu caráter histórico e cultural, sem perder de vista os sujeitos dessas emoções, levando em conta sua história, seus anseios, desejos e necessidades. Assim, convém destacar que interessa-nos mais que apreender sentidos e significados e, por outro lado provar que são verdadeiros ou únicos. Interessa-nos sim, mostrar que são possíveis. E, sobretudo, interessa-nos neste estudo problematizar a questão da significação das emoções em sua estreita relação com a linguagem na dinâmica interativa de produção do conhecimento para tentar compreender, como nos aponta Wallon e Vigotski, a sua função.

Em nossos esforços de investigação, em exercícios do olhar, problematizamos os modos de se emocionar e as manifestações emocionais, relacionando-os aos múltiplos significados e sentidos que emergem no âmbito das relações de ensino, a partir da análise de situações vivenciada no cotidiano escolar. Focalizamos a relação das emoções com o processo de construção do conhecimento e de constituição do ser humano, a partir da perspectiva histórico-

⁶³ Apresentadas Congresso Brasileiro de Psicologia no pôster: Emoções: sentidos e significados no contexto discursivo da sala de aula, 2002; Apresentadas em mesa redonda no XII Encontro Anual da ABRAPSO: A agressão na sala de aula: perscrutando fatos, (re)significando afetos, 2003.

cultural, especialmente das contribuições dos referidos autores e segundo os princípios metodológicos apontados.

Centrando-nos nas relações acima apresentadas entre psiquismo, práticas sociais coloca-se cada vez mais, a nosso ver, a possibilidade de encarando “a significação, não apenas como capacidade intrinsecamente humana, mas como condição mesmo daquilo que é especificamente humano” (Smolka, 2004: 37), problematizarmos a questão das emoções humanas como estando imbricadas, permeadas e constituídas no/por esse processo.

Portanto, aventuramo-nos – sem qualquer pretensão de dar conta da questão nesse estudo – numa tentativa de compreensão da problemática das emoções humanas, situando-as na sua abrangência e complexidade, perscrutando a plausibilidade de uma hipótese para as emoções humanas ancorada na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, analisando as implicações de um princípio explicativo que postula a natureza social do funcionamento mental – no qual estão inseridas as emoções – e a centralidade do signo nesse funcionamento.

Por fim, para Maturana as possibilidades de explicação do entrelaçamento entre organismo e mundo, racional e emocional, encontram-se em considerar-se a complexidade das relações, nas quais a linguagem aparece como uma “coordenação consensual de coordenação consensual de conduta”, a que estão sujeitos os homens. Para Gonzáles Rey tal complexidade é colocada no plano da história e cultura, mas em termos das condições e sentidos subjetivas de um sujeito e para Damásio, em termos de um organismo cujo self e a mente dão sempre a palavra final. Em Vigotski, Wallon e Bakhtin as possibilidades de compreensão e explicação encontram-se na relação histórica e culturalmente marcadas na/pela emergência linguagem e processo de significação.

De últimas, porém não derradeiras palavras...

Então, é preciso concluir, colocar um ponto, um final. No entanto, o fim é um processo que se inicia... Agora, nesse momento, coloca-se o encerramento deste trabalho, mas com diversas (im)possibilidades, desejos e demandas de desdobramento e aprofundamento, sobretudo.

Diante de tudo o que foi intensamente discutido por esses autores, podemos perceber seus inúmeros esforços pra compreender o ser humano em suas relações sociais com o conhecimento e constituição de si mesmo. Esforços que se traduzem numa bela tentativa de superar diversas e arraigadas dicotomias, especialmente em relação à oposição entre razão e emoção, e à oposição entre interno e externo, organismo e meio, sujeito e sociedade.

Aparentemente, de todas as funções relativas ao comportamento humano, as emoções parecem ser a mais estritamente orgânica e, em conseqüência, a que menos deve sofrer a influência da cultura. Ressaltamos, a influência dos fatores sócio-culturais no comportamento emocional e, sobretudo, na forma de suas expressões, como nos assinalam todos os autores em maior ou menor grau. Mas, além disso, a enfatizamos consideração de que as emoções têm uma dimensão interna e externa que se articulam dialeticamente na/pela relação entre organismo e mundo.

Do latim “ēmovēre”, que significa “movimento para fora”, a etimologia da palavra emoção⁶⁴ sugere um movimento que parte do corpo e se encaminha numa direção externa a esse corpo. Frente às inúmeras possibilidades apontadas pelos autores, ao identificarmos as emoções em/nesse movimento, fundamentando, permeando constituindo as ações humanas, as relações entre emoção, consciência, linguagem, sentido, aparecem na obra de todos os autores assumindo

⁶⁴ Emoção. s. f. ‘comoção, abalo moral’ XVI //. Do fr. Émotion, formado pelo modelo motion do lat. motiō – ōnis // emocionADO XX // emocionANTE XX // emocionAR XX // Do fr. émotionner // emotivIDADE 1899 // emotivo 2899. Do fr émotif, driv. Do lat. ēmotus, parte de ēmovēre. (Dicionário Etimológico Nova Fronteira – Língua Portuguesa, 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986: 292.

diferentes nuances.

A problemática da emoção é assim compreendida, tratada e analisada, dentro de uma abordagem mais ampla, mais complexa e (seguramente) mais esclarecedora do que tem sido feito até hoje.

Vamos percebendo, contudo, que as diferenças vão sendo marcadas em relação à forma como se concebe e explica consciência, linguagem e significação e sua relação com a emoção. A concepção de linguagem com a qual trabalhamos, sendo muito mais ampla do que a apontada por Damásio (verbal, conversão de códigos, comunicação), Maturana (coordenações consensuais de coordenações consensuais de conduta) e, sobretudo por Gonzáles Rey (essencialmente estruturalista, reduzida à influência de Lacan e Saussure) nos abre inúmeras possibilidades teórico-metodológicas.

Assumimos que a linguagem constitui o homem, o funcionamento psíquico e o próprio modo de pensar e sentir. Tais pressupostos nos permitem, por exemplo, abordar a emoção na sua dimensão orgânica e na sua dimensão simbólica - quer dizer, social -, sem reduzi-la a uma pura expressão ou manifestação corporal, mas tomando-a como algo inescapavelmente partilhado e interpretado, socialmente produzido, significado, produto e produção histórica e cultural. Nesse sentido, não é subjetiva, apenas. É uma característica orgânica, profundamente marcada e produzida pelos processos sociais historicamente constituídos e legitimados, o que nos leva a considerar as condições de produção das emoções humanas. E, especialmente, nos leva a romper com a visão da emoção como uma “entidade” singular, pessoal, subjetiva, espiritual ou como um mecanismo instintivo, biológico apenas.

Na obra dos autores da perspectiva histórico-cultural que defendemos, e mais especificamente de Vigotski, vimos argumentando que a possibilidade de colocar as emoções num plano diferente, sendo este (in)visível encarnado em que consistem as emoções humanas, emoções complexas distantes dos instintos, está relacionada à profunda imbricação de consciência, linguagem e significação.

A partir da perspectiva assumida, podemos concluir que a problemática das emoções colocada na ordem da significação supõe que os diversos modos de

compreensão e explicação se transformam, mediante as condições materiais e os modos de produção em diferentes processos e momentos na história humana. Considerando, além disso, as múltiplas relações e posições dos homens em interação, nos diversos modos de teorizar e conceber as emoções, o caráter relacional se mantém. Mudam-se os modos de pensar essas relações e as posições que ocupam sujeito e sociedade. A emoção é concebida não apenas com uma mera característica de ligação entre organismo e meio em interação, mas com um caráter constitutivo, dinâmico.

Olhar, encarar essa problemática na/pela ótica do materialismo histórico-dialético, implica, para além do que postulou Wallon, pensar o valor do signo, da palavra/*verbum*, da enunciação, numa relação social de produção, com Vigotski e Bakhtin. Pois, é na trama das relações que acontecem no cotidiano das inúmeras práticas sociais, marcadas por ideologia e poder, que as emoções se produzem/são produzidas e, são (re)significadas. Não há significação ou sentido dado, fixo, imutável ou imanente (nem mesmo) para as emoções humanas! A significação que as emoções assumem está relacionada a condições sociais, culturais em que emergem, e ao mesmo tempo ao jogo das condições, das experiências, das posições, das vivências, vontades e desejos de cada pessoa.

E isto, constitui as emoções humanas, bem como os nossos modos de teorizar e concebê-las. Há uma determinada dinâmica de produção, socialmente elaborada em meio a diversos, inúmeros sentidos, já consolidados e que estão por se, ou podem vir a se consolidar. Há um conjunto de signos e valores que perpassam e constituem as relações, práticas sociais, e, os homens. Nessa trama, na história das relações e das práticas sociais em que emergem, algumas formas de manifestação de emoções acabam por se consolidar e se impor, tornando-se proeminentes, mas ao mesmo tempo trazem o que há de mais singular em cada pessoa.

Ao sorrir e apertar os olhos, espremendo-os no cantinho da face exatamente onde o sorriso termina, sei que aquela criança cuja história conheço, quer dizer que está feliz, alegre ao me ver, mas, também embaraçada, envergonhada. Não sorrimos todos do mesmo jeito, nem pelos mesmos motivos, mas ao sorrirmos, há

sempre algo que se “estabiliza” na relação e que permite com que este ou aquele, gesto, manifestação, emoção, possa ser interpretada pelo outro, marcando essa relação, e então possa fazer sentido para nós mesmos, constituindo-nos.

Especialmente no que diz respeito às emoções humanas, colocá-las, discutí-las em sua relação com a linguagem, consciência, a ideologia e o processo de significação social (num aprofundamento das idéias e concepções de Vigotski e Bakhtin), se apresenta cada vez mais como uma possibilidade de ampliar as discussões acerca do tema.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski* (cap.5). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BARTHES R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DESCARTES, R. *Discurso sobre o método, As paixões da alma*. In *Os pensadores – Descartes*, vol. I. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador* (vol I). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, F (Org). *Karl Marx e Friederich Engels*. São Paulo: Ática, 1989.

GONZÁLES REY, F. *O emocional na constituição da subjetividade* in LANE, S. & ARAÚJO, Y. *Arqueologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2002.

KONDER, L. *Marx: vida e obra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

LOCKE, J. Ensaio Acerca do Entendimento Humano. In *Os pensadores – Descartes, vol. I*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2000.

MATURANA, H. & VARELA, F. *De Maquinas e Seres Vivos – Autopoiese – a Organização do Vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. *Textos Seleccionados in* MAGRO, C. GRACIANO, M. & VAZ, N. *Ontologia da Realidade*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

PINO, A S., *As Marcas do Humano – A questão das origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. Tese de livre-docência. Campinas: Unicamp, 2002.

SMOLKA, A. L. B. *Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança*. in FREITAS, M. C. & KULHMAN JR., M.(orgs.) *Os Intelectuais na História da Infância*. São Paulo: Cortez.

_____. *Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações*, in ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A., *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, L.S. *La imaginacion y el arte en la infancia (Ensaio Psicológico)*. México: Hispanicas, 1987.

_____ *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____ *Obras Escogidas* (vol. 5). Madri: Visor, 1995.

_____ *O desenvolvimento psicológico na infância*. (cap 1) São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. *Do Acto ao Pensamento*. Lisboa: Moraes, 1979.

_____ *Psicologia e educação da infância*. Rio de Janeiro: Estampa, 1995.

_____ *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

Bibliografia

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARANTES, V. A. (org.) *Afetividade na escola*. São Paulo: Sumus, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (cap. 1, 2 e 3). São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski* (cap.5). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BARTHES R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BRESCIANI, S. & NAXARA, M. (orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHALITA, G. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.

_____. *Pedagogia do Amor*. São Paulo: Gente, 2004.

CHAUÍ, M. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DANTAS, H. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon; A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In DE LA TAILLE, Y. (org) *Piaget, Vygotsky, Wallon - Teorias psicogenéticas em Discussão*. São Paulo: Summus 1992.

DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DESCARTES, R. Discurso sobre o método, As paixões da alma. In *Os pensadores – Descartes, vol. I*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

DIDEROT, D. O sobrinho de Rameau in *Os pensadores – Voltaire/ Diderot*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

DOBRANSZKY, E. *No Tear de Palas: Imaginação e Gênio no Séc. XVIII – Uma introdução* Campinas SP: Papyrus/ Ed. da Unicamp, 1992.

EAGLETON, T. *Marx e a liberdade*. São Paulo: ed. Unesp, 1999.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, F (0rg). *Karl Marx e Friederich Engels*. São Paulo: Ática, 1989.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Edição standard brasileira). Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GALVÃO, I. *Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

GALVÃO, I. *Emoções e conflitos: análise da dinâmica das interações numa classe de educação infantil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1998.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GINZBURG, C. Sinais - raízes de um paradigma indiciário, in *Mitos, emblemas e sinais - morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes* (50). Campinas: CEDES, 2000.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GONZÁLES REY, F. O emocional na constituição da subjetividade in LANE, S. & ARAÚJO, Y. *Arqueologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2002.

_____. EL lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski, in *Educación & Sociedad* (n. 71). Campinas: CEDES, 2000.

GUIMARÃES, A. M. *Vigilância, punição e depredação escolar*. São Paulo: Papirus, 1985.

JOBIM, S. *Infância e Linguagem – Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1996.

KONDER, L. *Os sofrimentos do homem burguês*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

_____ *O que é dialética*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

_____ *Marx: vida e obra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

LOCKE, J. Ensaio Acerca do Entendimento Humano. In *Os pensadores – Descartes, vol. I*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2000.

LURIA, A. *Pensamento e linguagem – as últimas conferências*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes - Ed. Unicamp, 1989.

MALINOWSKI, B. (1976) O problema do significado em linguagens primitivas. In C.K. OGDEN E I.A. RICHARDS, *O significado de significado. Um estudo da influência da Linguagem sobre o Pensamento e sobre a Ciência do Simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

MATURANA, H. & VARELA, F. *De Máquinas e Seres Vivos – Autopoiese – a*

Organização do Vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. Textos Seleccionados in MAGRO, C. GRACIANO, M. & VAZ, N. *Ontologia da Realidade*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MENESES, A. B. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

MENON, U. Analyzing Emotions as Culturally Constructed Scripts. *Culture & Psychology*. London, Thousand Oaks and New Delhi. Vol. 6(1): 40-50, 2000.

OLIVEIRA, I. M. *O sujeito que se emociona – signos e sentidos nas práticas culturais*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In DE LA TAILLE, Y. (org.) *Piaget, Vygotsky, Wallon- Teorias psicogenéticas em Discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, M. K. & REGO, T.C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto in ARANTES, V. A. (org.) *Afetividade na escola*. São Paulo: Sumus, 2003.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1993.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade (n.71)*, Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2000.

_____ *Afetividade e vida de relação*. (cap. XI) s/d, mimeo.

_____ *As Marcas do Humano – A questão das origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. Tese de livre-docência. Campinas: Unicamp, 2002.

RATNER, C. A Cultural-Psychological Analysis of Emotions. *Culture & Psychology*. London, Thousand Oaks and New Delhi. Vol.6(1): 5-39, 2000.

ROURE, G. *Vidas silenciadas*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

ROUSSEAU, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, in *Os pensadores - Rousseau* - vol. I e II. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

SANTOS, S.D.M. *Sinais dos Tempos – Marcas da Violência na Escola*. Campinas: ed. Unicamp 2002.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético-político com categoria de análise da dialética exclusão/inclusão, in: SAWAIA, B.B. *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SMOLKA, A.L.B. A questão dos indicadores de desenvolvimento: apontamentos para a discussão. *Cadernos CEDES* (1), Campinas: Centro de Estudos Educação e sociedade, 1994.

_____ *Esboço de uma perspectiva teórico-metodológica no estudo dos processos de construção de conhecimento*, in *A significação nos espaços educacionais – Interação social e subjetivação*. Campinas: Papirus, 1997.

_____ *O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais*. Cadernos CEDES, (n 50). Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2000.

_____ Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança. in FREITAS, M. C. & KULHMAN JR., M.(orgs.) *Os Intelectuais na História da Infância*. São Paulo: Cortez.

_____ Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações, in ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A., *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TOGNETTA, L. R.P. *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *La imaginacion y el arte en la infancia (Ensaio Psicológico)*. México: Hispanicas, 1987.

_____ *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____ *Obras Escogidas* (vol. 5). Madri: Visor, 1995.

_____ *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ Manuscrito de 1929 in *Educação e Sociedade* (n.71),
Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2000.

_____ *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. *Do Acto ao Pensamento*. Lisboa: Moraes, 1979.

_____ *Psicologia e educação da infância*. Rio de Janeiro: Estampa, 1995.

_____ *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria,
1995.

WEREBE, M. J. G. & NADEL-BRULFERT (orgs.) Henri Wallon. São Paulo: Ática,
1986.